



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**RAIANE MENDES SANTOS**

**AS CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO DO CORPO DISCENTE DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO-UFRJ**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regina Céli Oliveira da Cunha

Rio de Janeiro, abril de 2017.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**RAIANE MENDES SANTOS**

**AS CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO DO CORPO DISCENTE DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO-UFRJ**

**Monografia apresentada à Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Céli Oliveira da Cunha**

**Rio de Janeiro, abril de 2017.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAIANE MENDES SANTOS

AS CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO DO CORPO DISCENTE DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO- UFRJ

Monografia apresentada à Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

**Orientadora: Dr<sup>a</sup> Regina Céli Oliveira da Cunha**

---

**Professor Convidado: Dr<sup>o</sup> Thiago Ranniery**

---

**Professor Convidado : Dr<sup>o</sup> Leonardo Maia Bastos Machado**

**Rio de Janeiro, abril de 2017.**

**Dedicatória**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que permitiu que eu superasse as adversidades cotidianas e me deu forças para que eu concluísse cada etapa da minha formação com êxito. À minha família, minha mãe Alessandra e principalmente meus avós Ceia e Juarez, que me deram todo o amparo nessa caminhada até aqui e me incentivaram de todas as formas possíveis. Sem vocês, eu não teria conseguido.

## **Agradecimentos**

Quero agradecer, antes de todos, à minha orientadora Regina Céli Oliveira da Cunha, que aceitou esse desafio e me deu todo o suporte para a construção dessa monografia. Além de ser ótima profissional e unanimidade na Faculdade de Educação, é um ser humano encantador e modelo para todos os seus alunos e pares. Agradeço também a todo o corpo docente que esteve comigo nessa Universidade e que contribuiu para uma formação sólida e ética, me transformando como pessoa e profissional. Todas as provas, seminários, relatórios e regências tiraram o meu sono, mas fizeram a diferença no meu olhar e na minha prática educativa. Aos Professores Leonardo Maia Bastos Machado e Thiago Ranniery um agradecimento especial pela participação em minha Banca de Defesa de Monografia. Este momento único, com suas presenças, ficará marcado em minha história de vida acadêmica.

Aos colegas do curso de Pedagogia, que responderam pacientemente ao questionário e foram fundamentais para a coleta e análise de dados do meu objeto de investigação, assim como à Coordenadora do Curso que me ajudou a ter um olhar mais específico sobre o currículo do curso, meu agradecimento.

Às amigas formadas ao longo do curso e que serão levadas para toda a vida. Crescemos juntas. Vi a evolução de cada uma, entrando em 2013 no curso de Pedagogia como meninas e hoje se estabelecendo como grandes mulheres, que alcançaram e ainda alcançarão muitos sonhos. Compartilhamos cada trabalho, cada angústia, pequenas e grandes conquistas, que significam muito para mim. Beatrice Abrahão, Fabianne Quaglia, Sara Farias e Thaysa Calandino, amo vocês.

## Epígrafe



## **Resumo**

O presente trabalho é uma investigação sobre as concepções de currículo que existem em 2016.2 no corpo discente investigado do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Parte do pressuposto que - mesmo não tendo ainda cursado a disciplina Currículo, que exige em sua ementa uma discussão teórica sobre as mesmas categorizando-as como tradicionais críticas e pós-críticas - os alunos já possuem uma concepção em nível de senso comum. Com base neste pressuposto foram investigados alunos do primeiro ao último período do curso, em seus diferentes turnos com o objetivo de analisar o modo como percebem o que é currículo. A metodologia do trabalho apresentou uma abordagem qualitativa e quantitativa, expressa em um estudo de caso realizado com cento e vinte e um alunos com a matrícula ativa no curso de Pedagogia em 2016.2, em um universo de cerca de setecentos. As técnicas para a coleta de dados foram três: questionário com questões abertas e fechadas aplicadas a uma amostra aleatória do corpo discente; questionário realizado com a atual coordenadora do curso e análise documental da atual ementa da disciplina e do fluxograma do currículo do curso. As questões fechadas do questionário deram suporte para se traçar o perfil deste corpo discente investigado. As questões abertas foram três e buscaram sistematizar as concepções de currículo subjacentes a este corpo discente investigado. O quadro teórico foi delimitado com base em critérios que levaram em conta autores que se debruçam sobre teorias de currículo e aos quais o corpo discente teve acesso direto por estarem explicitados na ementa da disciplina ou discutidos em classe por professores da disciplina Currículo. Os resultados indicam que este corpo discente possui uma concepção variada de currículo, indo das tradicionais, às críticas e pós críticas, havendo uma incidência maior de uma visão crítica na medida em que os alunos perceberam sua formação identitária profissional como elemento mais problemático do atual currículo. Problemas ligados às questões da formação identitária de gênero, étnico-racial apareceram com uma incidência menor. A questão do currículo como conhecimento escolar formador de subjetividades esteve praticamente ausente, indicando que o corpo discente de séries mais avançadas ainda não foi cativado pela questão curricular, não se sentindo devidamente responsável por este tema atualmente em discussão na Faculdade de Educação.

**Palavras-chave:** Concepções de currículo; corpo discente; Curso de Pedagogia.

## Sumário

### **1-Introdução.....10**

1- Justificativa.....	11
2- O problema da investigação.....	14
3- As questões da investigação.....	15
4- Os objetivos.....	15
5- A metodologia.....	16
6- O quadro teórico.....	18
7- A organização do trabalho.....	20

### **Capítulo I - Compreendendo o conceito de currículo**

1.1 O conceito de currículo em nível de senso comum.....	22
1.2 O conceito de currículo em uma teorização tradicional.....	27
1.3-O conceito de currículo em uma teorização crítica .....	31
1.4 O conceito de currículo em uma teorização pós-crítica.....	36
1.5 Outra categorização para se compreender teoricamente os conceitos de currícul..	38
1.6 Relações entre as categorias de conceitos propostas na ementa da disciplina e a percepção do corpo discente.....	40

### **Capítulo II- Compreendendo os conceitos de currículo do corpo discente**

2.1 Quem é o corpo discente investigado.....	41
2.2 Os problemas do currículo percebidos pelo corpo discente.....	52
2.3 Os aspectos positivos do currículo percebidos pelo corpo discente.....	57
2.4 As sugestões para a melhoria do currículo.....	60
2.5 As concepções de currículo do corpo discente.....	61
<b>- Considerações finais.....</b>	<b>65</b>
<b>- Referências bibliográficas.....</b>	<b>67</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1-Distribuição do corpo discente investigado por sexo.....	42
Figura 2 Distribuição do corpo discente investigado por idade.....	43
Figura 3 Distribuição do corpo discente investigado por biotipo de cor autodeclarada..	44
Figura 4 Distribuição do corpo discente investigado por estado civil.....	45
Figura 5 Distribuição do corpo discente investigado por formação na educação básica,	45
Figura 6 Discriminação do corpo discente investigado em relação à formação no ensino médio.....	46
Figura 7- Percentual de escolha do Curso de Pedagogia no Vestibular como primeira opção.....	47
Figura 8- Explicitação das demais opções de escolha no vestibular.....	47
Figura 9- Discriminação da escolha das disciplinas sugeridas no fluxograma do curso.	48
Figura10- Discriminação da escolha dos turnos originais de ingresso.....	49
Figura11- Discriminação dos discentes investigados que ingressaram pelo sistema de cotas.....	50

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01: Os problemas do currículo na percepção do corpo discente.....	52/53
Tabela 02 Os aspectos positivos do currículo na percepção do corpo discente.....	57

## **LISTA DE APÊNDICES**

Apêndice 1- Modelo do questionário aplicado aos alunos investigados.....	72
Apêndice 2- Roteiro da entrevista com a Coordenadora do Curso.....	74

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo 1 - Fluxograma do atual currículo do curso de Pedagogia.....	75
Anexo 2- Ementa da disciplina Currículo vigente no Curso de Pedagogia.....	76
Anexo 3- Transcrição das respostas ao questionário.....	77

## **1-Introdução**

A Introdução da presente monografia está estruturada em sete partes. Inicialmente, será feita uma justificativa, apresentando ao leitor o tema da investigação, justificando sua escolha em duas dimensões: a primeira, de caráter mais pessoal, procurando evidenciar que a pesquisadora, ao delimitar o tema, está de alguma forma ligada ao mesmo por meio de experiências vividas que marcaram de algum modo sua subjetividade. Assim, se pretende argumentar que o trabalho científico não é neutro e tem sempre a marca do sujeito que o constrói; a segunda justificativa será de caráter mais acadêmico, evidenciando que o trabalho científico deve ter um aspecto de objetividade, sendo algo que deve interessar a um público e momentos históricos mais amplos do que aqueles representados pelo sujeito investigador e sua própria historicidade.

Após a justificativa da escolha do tema será apresentado o problema percebido no mesmo que será, depois de equacionado, formulado em uma questão mais ampla. Em seguida, para a possível resposta a essa questão mais ampla, serão apresentadas as questões específicas que servirão de mapeamento para se chegar a aspectos pontuais do trabalho até o momento em que se puder construir uma resposta à questão geral. Essas questões, tanto a mais ampla, quanto as específicas, serão explicitadas pelos objetivos do estudo que irão sinalizar o nível de profundidade que a busca pela resolução das questões poderá alcançar. Ou seja, nos objetivos serão declarados se a investigação pretende apenas estar no nível de identificar algo ou ir mais além no sentido de analisar ou mesmo avaliar o aspecto investigado. A metodologia irá explicitar a abordagem, o método e as técnicas adotados no trabalho e o quadro teórico indicar os autores que serviram de suporte para a investigação. Finalmente, em uma última parte, será apresentado o modo como o estudo foi organizado. As considerações finais buscam apresentar uma síntese às questões propostas para investigação e que foram analisadas no corpo do trabalho

## **1-Justificativa**

Ao longo de minha graduação no curso de Pedagogia sempre fiquei admirada em perceber que havia uma grande variedade de temas que eram selecionados para serem objetos de trabalhos monográficos. Assim, muitos colegas escolheram investigar sobre a avaliação da aprendizagem, o sucesso ou o fracasso escolar, a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais e tantos outros. A presente monografia tem um tema que tem sido menos investigado do que os apresentados. O seu tema é currículo e passarei a justificar sua escolha e, posteriormente, a questão percebida nesta ampla temática.

Embora a temática do currículo sempre estivesse muito presente em minha trajetória de vida escolar, em um primeiro momento não questionava o seu conceito. Para mim era algo óbvio que o currículo de uma escola era o conjunto de matérias estudadas pelos alunos e ministradas pelos professores. Deste modo, o que poderia ser compreendido por currículo já estava previamente respondido por mim durante algum tempo em minha vida, principalmente antes de fazer uma graduação que desconstruísse esse conceito.

Ao ingressar no curso de graduação de Pedagogia essa visão centrada no senso comum começou a ser abalada. Para muitos educadores, o conceito da palavra currículo ainda permanece intacto: trata-se de um documento que materializa disciplinas e conteúdos que podem ser incluídos ou retirados por conveniência de alguma instituição educacional. Minha motivação para escolher esse tema de monografia foi compreender, em que medida essa minha visão inicial situada em nível de senso comum começou a ser abalada e se outros colegas meus, pedagogos em formação da maior universidade do Brasil, a UFRJ, também passaram por esse processo de desconstrução deste conceito ainda muito arraigado de currículo e que tem implicações políticas caso seja mantido, no sentido de que o mesmo não consegue abarcar toda a complexidade do campo.

Tudo começou em um debate promovido pela Faculdade de Educação da universidade em abril de 2016, nomeado “Formação de Pedagogos na UFRJ: Currículo em debate”. Durante essa semana, alunos e docentes discutiam, em encontros separados,

questões sobre o currículo do curso de Pedagogia da instituição. Pude participar de algumas reuniões cujos temas envolviam a formação escola-estágio da universidade, além da mesa que discutiu diversidade, direitos humanos, desigualdades e docência. Algo que me chamou atenção foi o perfil do público discente presente nas reuniões. Arrisco dizer que a massiva maioria que compareceu aos encontros acabara de ingressar no curso ou era dos primeiros períodos, enquanto contava-se nos dedos alunos que estavam concluindo a graduação.

Esse fato pode nos dizer muito sobre o interesse dos alunos mais “antigos” nesse caso: ou o tema currículo e a sua reformulação pela coletividade não os interessava, ou estes já tinham uma visão estabelecida, cristalizada, sobre a questão curricular como um todo. No debate e em outras situações acadêmicas, notei em muitas falas que os alunos referiam-se ao currículo do curso de Pedagogia como um amontoado de disciplinas que poderiam facilmente ser retiradas, substituídas ou modificadas em suas estruturas. “Essa matéria não serve para nada” ou “Essa eletiva deveria ser obrigatória” são algumas declarações desses encontros que dão pistas de como a concepção curricular estava sendo interpretada.

Em primeiro lugar, nestes espaços discursivos comecei a compreender que o campo do currículo, além de ser vasto e ter muitas vertentes com desdobramentos profundos na educação, é permeado por disputas políticas. Em relação ao âmbito disciplinar, nada é incluído ou excluído gratuitamente. Seja lá qual for a concepção de educação que se tenha, a concepção de currículo está estritamente alinhada com tal concepção, mesmo que esta corresponda a ideais considerados mais conservadores. Ele tende a ser coerente e fiel a essa visão.

Assim, ao longo da minha jornada acadêmica, tive a oportunidade de discutir esse conceito nas disciplinas, construindo um novo significado que transcendesse a simples adição ou subtração de temas. Preocupe-me em consultar minhas próprias definições anotadas ao longo dos períodos, e a cada discussão, elas se atualizavam. Hoje, costumo compreendê-lo com uma concepção ampla e complexa, que enreda não só conteúdos programáticos organizados em disciplinas ou em outras formas como áreas ou atividades, mas práticas éticas e políticas e todas as relações estabelecidas entre os sujeitos escolares, incluindo neste universo, alunos, professores e demais sujeitos da comunidade escolar. Além disso, ele se dá sob a orientação da escola, ou seja, o que se

produz e reproduz nela, tendo como objeto a transformação ou a manutenção de uma conjuntura mais ampla. Sobretudo, comecei a perceber que o currículo, ou seja, o conhecimento escolar, tem sido o mediador de aspectos da formação de minhas diferentes formas de identidade tais como a profissional, de gênero, étnico-racial e também tem tido um aspecto fundamental na formação de minha subjetividade que me constitui como um sujeito singular e único. Deste modo, minhas experiências pessoais em relação a este tema fizeram com que resolvesse ter o mesmo como centro desta pesquisa.

Além dessa justificativa de caráter mais subjetivo sabemos que a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro está vivenciando agora um momento histórico de reformulação do atual currículo do curso de Pedagogia que foi implantado em 2008. Discussões em diferentes instâncias acadêmicas são propostas com grande frequência, havendo o envolvimento do corpo discente nas mesmas. Tendo participado novamente de algumas, observei que ainda permanece uma visão de que o currículo é apenas um documento oficial escrito em que são explicitadas as disciplinas, obrigatórias e optativas, distribuídas pelos diferentes semestres, com suas respectivas cargas horárias e creditações. Com essa concepção, as discussões ficam empobrecidas teoricamente, mas fortemente acaloradas fazendo com que muitos alunos apenas defendam a inclusão ou eliminação de algumas disciplinas. Em suma, o debate muitas vezes se transforma em uma arena para se decidir o que deve sair da grade e o que deve entrar na mesma.

Por outro lado, alguns tentam ir além deste jogo de inclusão X exclusão de disciplinas e sinalizam problemas como o fato de não saberem ainda qual o objetivo do curso de pedagogia. Se o mesmo deveria formar o professor ou o especialista. E, ao formar o professor, formar o professor para atuar em que nível de escolaridade? Na educação infantil, nas séries iniciais, na educação de jovens e adultos, nas disciplinas pedagógicas da modalidade normal? Podemos ser bem formados tendo um leque tão amplo de opções? No caso da formação de gestores, seria possível se ter o pedagogo atuando nas empresas ou apenas nas escolas como diretor ou coordenador? Enfim são várias e bem atuais as questões que perpassam o tema currículo e que justificam tê-lo como tema desta investigação.

No entanto, refletindo sobre qual questão mais geral deveria delimitar a investigação deste tema percebi que todas as discussões anteriormente apresentadas poderiam estar relacionadas ao modo como o corpo discente está percebendo o conceito de currículo e este apresenta diferentes formas. Deste modo, quem o percebe como o conjunto das disciplinas de um curso que devem ser organizadas em um documento irá apontar certos problemas. Quem o percebe como o conhecimento escolar que não é apenas aquele explicitado nestas disciplinas que estão constando em uma grade ou fluxograma, mas que este conhecimento é produzido no modo como as mesmas serão praticadas no cotidiano escolar poderão perceber outros problemas. Finalmente quem percebe o currículo como o conhecimento escolar não só manifesto, mas também “oculto” e que o mesmo está relacionado à formação de aspectos das identidades dos alunos e de suas subjetividades tendo assim um caráter não apenas informativo, mas, sobretudo, formativo, poderá apresentar sugestões para a reformulação do atual currículo do curso de pedagogia que poderão ser mais ricas. Devido a esta justifica, a presente investigação delimitou o seguinte problema.

## **2-O problema da investigação**

Com base no equacionamento do problema apresentado na justificativa, podemos agora formulá-lo na questão mais geral que será investigada. É a seguinte: quais as concepções de currículo subjacentes ao corpo discente investigado no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro?

Investigar as concepções de currículo que os estudantes do curso de Pedagogia da UFRJ têm não é uma tarefa simples. Como em toda pesquisa, o processo do trabalho é complexo e vagaroso, e exige um cronograma que deve ser cumprido para que os objetivos sejam alcançados. Mesmo assim, com todos os procedimentos acadêmicos executados, esse processo não se desenvolve em ambientes controlados e imutáveis, como é o caso de algumas ciências. Quando lidamos com as humanidades, com o subjetivo, com o outro, estamos sujeitos a adaptações que não foram planejadas, tempos escassos e outras situações. Os objetivos são realinhados e pensados para um novo parâmetro, uma nova condição. Tenho certeza que mesmo se tivesse mais tempo para desenvolver esse estudo, eu ainda apontaria alguma carência, seja em relação às pessoas para serem entrevistadas ou mais questões para serem problematizadas.

Após essa breve explicação, falo como foi o meu plano de trabalho desenvolvido junto à minha orientadora. Além da questão geral, já citada, elencamos outras específicas a serem alcançadas na pesquisa e que darão suporte para a resposta à mais ampla.

### **3 - Questões da Investigação**

1- Quais as concepções de currículo a que o corpo discente do curso de Pedagogia tem mais acesso e que existem atualmente no campo das teorias de currículo?

2- Qual o perfil do corpo discente investigado?

3- Quais são os problemas do currículo na percepção dos alunos investigados?

4- Quais são os aspectos positivos do currículo na percepção dos alunos investigados?

5- Que sugestões foram dadas pelo corpo discente investigado para a melhoria do currículo?

6- Qual (quais) a (as) concepção (concepções) de currículo do corpo discente investigado a partir de suas percepções dos problemas, aspectos positivos e sugestões?

### **4 - Objetivos da Investigação**

O objetivo principal desse estudo é compreender quais são as concepções de currículo subjacentes à visão dos alunos investigados do curso de Pedagogia da UFRJ para avaliar se as mesmas terão potencial para subsidiar uma análise mais substantiva e complexa do curso de Pedagogia, indo além de uma discussão que priorize a inclusão ou exclusão de disciplinas da grade proposta. Sabendo que o campo curricular é muito amplo e requer demarcação, diversas questões foram elencadas para alcançar tal objetivo, desde as que envolvem características referentes à faixa etária e ao estado civil do corpo discente, como a trajetória dentro da universidade. Nesse sentido, a elaboração do questionário foi o elemento basilar da estrutura deste trabalho, pois tanto as questões fechadas quanto as abertas auxiliaram na investigação dos objetivos específicos que são os seguintes:

- Analisar diferentes concepções de currículo que existem atualmente na literatura sobre o campo a que o corpo discente do curso tem acesso mais direto;
- Explicitar o perfil do corpo discente investigado em relação a sexo, faixa etária, estado civil, trajetória escolar na educação básica e superior;
- Analisar os problemas detectados pelo corpo discente;
- Analisar os aspectos positivos detectados pelo corpo discente;
- Analisar as sugestões dadas pelo corpo discente;
- Avaliar as concepções de currículo subjacentes às percepções do corpo discente.

Pretendo, dessa forma, após analisar as concepções de currículo sistematizadas na literatura que penetra no campo, traçar um perfil desses alunos investigados em relação às suas características individuais e os caminhos percorridos na educação, uma vez que a escola e a formação por eles vivenciadas ofereceram a esses sujeitos, mesmo que indiretamente, uma visão sobre currículo. Um aluno que teve uma formação estritamente tradicional e técnica, sem um direcionamento humanizado e voltado somente para os resultados, provavelmente entende currículo apenas como um documento escrito formal que contém grades e componentes que irão direcionar o funcionamento de uma instituição. Existem indícios de que tal concepção não é incomum também nos cursos de licenciatura o que poderá ficar como sugestão para estudos posteriores, considerando que os currículos das mais de vinte licenciaturas oferecidas atualmente pela Faculdade de Educação da UFRJ estão passando também por um intenso processo de reformulação curricular.

## **5-Metodologia da Investigação**

A presente investigação terá uma abordagem qualitativa e quantitativa e está expressa em um Estudo de Caso realizado com alunos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRJ, que estavam cursando efetivamente o período em 2016.2, com matrícula ativa em disciplinas. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram o questionário, aplicado ao corpo discente, a entrevista realizada com a atual coordenadora do curso de Pedagogia e análise documental do fluxograma do atual currículo e da ementa da disciplina Currículo que explicita as concepções que deveriam

ser estudadas no curso de Pedagogia. Estas técnicas de coleta foram subsidiadas por uma revisão bibliográfica que teve por objetivo identificar e analisar as diferentes concepções de currículo veiculadas na literatura que tem penetrado de modo mais intenso no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRJ. Com a utilização de três técnicas de coleta de dados ficou observada a necessidade de uma triangulação dos dados conforme proposto no trabalho de Ivanicki (2016).

Assim, em relação à abordagem, a mesma foi “quali-quantitativa” porque trabalhou tanto com dados que puderam ser quantificados e expressos em figuras com valores numéricos e percentuais, quanto com aqueles que precisaram ser mais elaborados com um sistema de categorização “a posteriori”, expressos nas questões abertas. Deste modo, os dados passíveis de quantificação foram aqueles obtidos com as respostas às questões fechadas constantes do questionário aplicado ao corpo discente investigado expresso pelos alunos que estavam com matrícula ativa em 2016.2. A análise com abordagem qualitativa foi realizada tendo como base às respostas às três questões abertas propostas no questionário aplicado ao corpo discente e que necessitaram uma categorização não prévia, surgida após as respostas abertas dadas pelos alunos. Do mesmo modo, as questões da entrevista receberam um tratamento qualitativo.

A partir da análise do perfil desses alunos e as suas respostas objetivas e subjetivas sobre diversos aspectos da questão curricular do curso, buscar-se-á compreender a concepção de currículo subjacente à visão desses sujeitos, buscando essas concepções na literatura especializada no campo e que também estão sistematizadas na ementa da disciplina Currículo, em anexo.

Refletindo sobre a metodologia adotada, quando me foi proposta a elaboração de um questionário com questões objetivas e discursivas para serem entregues aos alunos do curso, não imaginei que seria tão difícil esse processo. A coleta de dados exige planejamento, organização e persistência, até porque o objeto desse estudo não pode ser manipulado em ambientes controlados, como no caso das ciências naturais. Quando lidamos com pessoas, a melhor forma de estabelecer a relação pesquisador-objeto é encarar o campo, mostrar-se, não ficando atrás da frieza técnica. Antes de disponibilizar o questionário, coloquei uma questão à orientadora: "Mas não seria melhor perguntar aos alunos diretamente o que eles acham o que é currículo?", perguntei. A resposta dela foi negativa e me fez lembrar de uma aula de Antropologia que eu tivera anos atrás.

Nessa aula, a professora nos mostrava a importância de não se perguntar diretamente algo a algum "nativo" no trabalho de campo. Se você perguntar, por exemplo, como aquela pessoa chegou à graduação do curso de Pedagogia, a resposta dela poderá ser muito mais "completa" e rica em detalhes do que se perguntar o porquê de ela ter escolhido o curso. A lógica explicitada por minha orientadora é quase a mesma, pois foge da possível obviedade da pergunta direta. Julgamos assim aumentar o grau de fidedignidade das respostas fazendo perguntas que envolvam indiretamente o currículo, mas não tentando conceituá-lo a priori.

Em relação à coleta de dados, em um primeiro momento achei que solucionaria a pendência da coleta das respostas dos alunos através da publicação do questionário online. Coloquei no grupo de uma rede social dos estudantes, esperando rápido retorno, mas em horas não obtive nenhuma resposta. Então, pedi a amigos do curso para responderem o questionário que eu enviava anexado, e algumas respostas começaram a aparecer. Mesmo depois de alguns dias, não havia conseguido muito retorno, e, após cerca de um mês usando essa estratégia, resolvi imprimir e entregá-los diretamente aos alunos na própria faculdade. Esse plano me deu mais retorno, e eu conseguia imediatamente as respostas, não dependendo do aviso do questionário online. A aplicação dessa técnica foi fundamental para que eu sentisse o clima acadêmico e as expectativas dos estudantes, e a minha presença nas aulas me colocava no mesmo lugar daqueles sujeitos, causando uma empatia e aproximando as figuras da pesquisadora e dos discentes.

O questionário foi elaborado contendo onze questões fechadas e três abertas. Esse questionário foi aplicado dentro da universidade e também tinha a opção de ser respondido online, através do link fixado por mim ao grupo de estudantes do curso. A entrevista foi realizada com a coordenadora do curso de Pedagogia, feita a partir de um roteiro prévio com questões estruturadas, mas permitindo a expansão das respostas. Essas questões foram abertas e são as mesmas feitas aos estudantes nos questionários. A revisão bibliográfica foi realizada tendo como base autores relevantes do campo curricular, destacando o trabalho de Silva (2003) e Cunha (2016) e serviu de base ao quadro teórico que será explicitado a seguir.

## **6-O quadro teórico**

Delimitar um quadro teórico para se discutir a questão do que podemos compreender por currículo é uma tarefa complexa, considerando a imensa produção no campo. No entanto, como a presente pesquisa está investigando como o corpo discente do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRJ está percebendo o currículo, a delimitação inicial do quadro teórico pôde ser feita com base em um critério: seriam escolhidos os teóricos a que a bibliografia proposta na ementa da disciplina Currículo privilegiava como básicos e que eram efetivamente utilizados em sala de aula no cotidiano escolar a partir de 2008, ano em que o atual currículo foi implantado.

Desse modo, uma consulta à ementa, em anexo, demonstrou a existência de alguns livros e autores indicados. Como a própria ementa especificava que as concepções de currículo deveriam ser abordadas como sendo de enfoque tradicional, crítico e pós-crítico, foi selecionado o autor Tomaz Tadeu da Silva e seu livro de caráter didático *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo* (2003) para dar o suporte teórico à análise das diferentes concepções de currículo que serão tomadas como referência pelo fato de esta obra categorizar estas concepções da mesma forma exigida pela ementa. Estamos partindo da hipótese de que os alunos que responderam ao questionário e que estão cursando após o quarto período já tiveram contato com este autor e, portanto, já deveriam ter discutido as diferentes formas como o currículo pode ser compreendido neste quadro categorial e do pressuposto de que os alunos que ainda não cursaram a disciplina que discute as teorias de currículo já possuem do mesmo um conceito em nível de senso comum pelo simples fato de terem vivenciado currículos em suas trajetórias escolares.

Em um segundo momento, na delimitação do quadro teórico, foi discutido que seria pertinente ampliar este enfoque centrado inicialmente em Silva (2003). Assim, considerando que existem: (1) autonomia acadêmica; (2) professores da disciplina Currículo que podem e devem ser críticos da ideia de que existe uma única forma de se compreender as diferentes concepções de currículo; (3) possibilidade de se manter o exigido na ementa da disciplina Currículo, mas ampliar o seu enfoque\_ também foi considerada a contribuição de Cunha (2016) que tem sido professora da disciplina Currículo e produzido textos a que os alunos têm acesso no cotidiano da sala de aula. Nestes, a autora propõe uma nova categorização para as diferentes concepções de currículo não as analisando no enfoque de tradicionais, críticas e pós- críticas, mas adotando uma análise que as categoriza como sendo modernas e pós-modernas, o que

acrescenta uma nova forma de se compreender o currículo, percebendo-o como capaz de mediar não apenas a formação das identidades dos alunos, mas estando envolvido na formação de suas subjetividades.

Deste modo, o quadro teórico da presente investigação está buscando compreender, a partir da análise do perfil desses alunos e as suas respostas objetivas e subjetivas sobre diversos aspectos da questão curricular do curso, a concepção de currículo subjacente à visão desses sujeitos, apoiado nas concepções sistematizadas a partir dos trabalhos de Silva (2003) e Cunha (2016).

## **7-Organização da Investigação**

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro, será feita uma análise das diferentes formas de se compreender o que significa o currículo a partir do quadro teórico anteriormente delimitado. Considerando que qualquer sujeito que tenha vivenciado o tempo e o espaço escolar construiu nos mesmos uma concepção do que significa o currículo, mas pode não ter tido ainda do mesmo uma reflexão teórica, iniciaremos o capítulo situando o conceito de currículo em nível de senso comum que é uma forma de se saber algo sobre um objeto sem o problematizar, tendo os trabalhos de Cunha (2016) como referência, considerando que o enfoque de Silva não realiza esta análise de compreensão de um objeto neste nível de saber, detendo-se à investigação do saber teórico. Em seguida, serão apresentados três tópicos, explanando, com base no referencial teórico de Silva (2003) os diferentes conceitos de currículo construídos no âmbito das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas. Após a apresentação desta categorização que ainda é hegemônica no campo, será apresentada outra, proposta por Cunha (2016) que sugere que o currículo pode ser compreendido como o conhecimento escolar envolvido com questões de saberes, poderes, identidades, mas basicamente formador de subjetividades dialogando com a proposta por Silva(2003) que argumenta ser o currículo uma questão de saber, poder e identidade. O capítulo se encerra levantando a hipótese de que o corpo discente poderá ter diferentes concepções de currículo que deverão ser investigadas.

O segundo capítulo tem como objetivo analisar as diferentes concepções que o corpo discente investigado possui do que significa o currículo. Está estruturado em

quatro tópicos. No primeiro, busca traçar o perfil do corpo discente investigado. Essa é uma pesquisa amostral e não se refere a todo o corpo de estudantes, mas a um significativo grupo de alunos que estudam em diferentes turnos, matutino, vespertino e noturno e possuem diferentes trajetórias. Questões relativas a sexo, idade, estado civil e trajetória na educação básica nos ajudam a traçar um perfil, junto a outros fatores que envolvem a rotina desse sujeito na universidade. Dessa forma, quem é o aluno do curso de Pedagogia nesse caso diz respeito a uma parte do universo de alunos que contribuíram com a pesquisa. O universo atual do corpo discente está computado com cerca de setecentos alunos. Conseguimos investigar cento e vinte e um sujeitos. Em seguida, com base em três questões abertas apresentadas no questionário, procuramos analisar \_ através (2) dos problemas percebidos no atual currículo do curso de Pedagogia, (3) seus aspectos positivos e (4) as sugestões para a reformulação do currículo atual que está em curso\_ qual a (as) concepção (concepções) de currículo que o corpo discente possui. Os dados obtidos com a entrevista da coordenadora do curso no momento da realização da pesquisa serviram como subsídio para uma maior compreensão das respostas do corpo discente. Tal fato se deu em função de o objetivo da investigação estar centrado na percepção discente. Com base nesta análise o estudo procura subsídios para avaliar se existe a possibilidade de o corpo discente ser um sujeito ativo e crítico no processo sempre histórico de reformulações de currículos que estão sendo construídos em nosso curso de graduação em Pedagogia. Os dois capítulos são finalizados com as considerações finais que buscam responder, de modo sintético, às questões propostas para o estudo e que foram analisadas previamente.

## **Capítulo I - Compreendendo o conceito de currículo**

O presente capítulo tem três objetivos. O primeiro é o de argumentar, com base em Cunha (2016 a), que existe uma concepção de currículo em nível de senso comum que o percebe como o conjunto de disciplinas de um curso; o segundo é o de sumarizar e analisar as diferentes concepções teóricas de currículo encontradas no livro Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo de Tomaz Tadeu da Silva e que apresenta uma categorização das mesmas como sendo tradicionais, críticas e pós críticas, destacando que esta é a sugerida pela ementa da disciplina Currículo adotada no atual curso de Pedagogia da FE da UFRJ. O terceiro objetivo é o de apresentar uma categorização alternativa a esta para ampliar o campo de análise para a compreensão das concepções que podem ser identificadas no corpo discente investigado.

### **1.1- O conceito de currículo em nível de senso comum**

Conforme declarado anteriormente, quando ingressei no Curso de Pedagogia possuía uma concepção de currículo que construí ao longo de minha trajetória escolar. Para mim este conceito não apresentava maiores dificuldades e o percebia como o conjunto de disciplinas de um curso. Deste modo, o currículo que vivenciei na educação básica era visto como aqueles conteúdos formais que aprendia e eram ministrados por professores sob a orientação da escola. Em suma, compreendia o currículo apenas em sua dimensão informativa: conteúdos a aprender em diferentes séries.

Em função desta concepção, minha expectativa ao estudar a disciplina Currículo no quarto período do curso era a de aprender a planejá-lo, sem questionar o seu conceito. Observei também que esta era a expectativa de meus colegas. Achavam que já sabiam o que era currículo e estavam interessados em aprender a planejá-lo ou mesmo reformulá-lo. Este planejamento, no entanto, baseado nesta percepção sumária, não passaria de um exercício de inclusão e exclusão de disciplinas o que evidenciava uma compreensão deste objeto situada em um tipo de saber que Cunha (2016 a ) denominou

de senso comum e que tem sido uma constante entre o corpo discente que inicia o estudo da disciplina Currículo.

Ao investigar a razão de os alunos do Curso de Pedagogia, ao cursarem a disciplina Currículo, não questionarem o seu conceito e terem como expectativa para a disciplina o “como planejar um currículo” Cunha (2016 a) apresentou o seguinte contexto que surgia no cotidiano da sala de aula. Em suas palavras:

Esta questão, **o que é currículo?** surgiu de um problema que vem se configurando, de modo cada vez mais complexo e relacional, já acontecendo mesmo no primeiro dia em que entrei em uma classe para ensinar esta disciplina. Lembro-me que desde a primeira turma, sempre em nosso primeiro encontro para planejarmos o curso da disciplina Currículo, fazia, antes de apresentar qualquer proposta, a seguinte pergunta:

*\_ Qual a expectativa de vocês em relação ao que iremos estudar nesta disciplina?*

Depois de um pequeno silêncio, onde sempre observava olhares interrogativos em face de uma questão que suponho que achavam óbvia, invariavelmente alguém arriscava dar uma resposta. Esta resposta, por sua vez, tinha e tem o aceno positivo da classe em olhares que indicavam que é isto mesmo:

*\_ Gostaria de aprender como se planeja um currículo.*

Esta resposta merece ser analisada. Não é uma resposta qualquer. A sua característica mais marcante é a de ter sido dada, com a mesma regularidade, desde o início da década de setenta, quando comecei a ensinar a disciplina Currículo em Curso de Graduação de Pedagogia. A cada novo período que começava o processo de ensino com uma nova turma, fazia a mesma antiga questão e, com grande curiosidade, esperava a resposta. Não tardava. Era sempre a mesma. Considerando que venho ensinando esta disciplina com muita regularidade, em diversos estados do Brasil, em Universidades públicas e privadas e em cursos isolados, posso inferir que não é um fato que tenha ocorrido em um tempo e espaço específicos. Ao longo dos anos, em diferentes espaços em que esta disciplina era trabalhada a resposta era invariável: *gostaria de aprender a planejar um currículo*. No momento em que estou escrevendo este texto, acabei de sair de uma classe no primeiro semestre de 2016: a resposta? A mesma. ( CUNHA, 2016 a, p. 22).

Ao investigar o porquê de os alunos sistematicamente terem a expectativa de planejar currículos sem discutir previamente o que este objeto significa, a autora construiu duas explicações. Assim,

Na análise desta postura construímos duas possíveis explicações. A primeira coloca que esta expectativa estaria fundamentada em uma necessidade legítima, considerando que sabem que, ao terminar o curso de Licenciatura em Pedagogia, poderão trabalhar em escolas e, nas mesmas, poderão estar envolvidos no processo do planejamento curricular destas. A segunda explicação para a expectativa de aprender a planejar um currículo, sem problematizar previamente o que esta palavra significa, estaria relacionada ao fato de já saberem o que é um currículo. No presente texto iremos problematizar a segunda explicação que está baseada na existência de uma forma já existente de saber e tentar desconstruí-la, para que outras formas de se compreender o objeto currículo sejam construídas.

Partindo do pressuposto que ninguém iria sugerir aprender a planejar algo sem saber o que este algo significa, podemos inferir que esta expectativa seria apenas manifestada quando se sabe o significado do objeto, quando ao ouvirmos um som significante, expresso em uma palavra, construímos sentidos para o mesmo. Em que forma estaria este saber? Uma possível resposta é a de que está manifestado em um discurso que chamamos de senso comum, que deve ser mais bem compreendido. (CUNHA, 2016b, p.1).

Assim, em discussões com minha orientadora percebi que eu não problematizava o conceito de currículo porque tinha do mesmo um saber do senso comum e que o mesmo poderia estar ocorrendo com meus colegas. E o que seria um saber em nível de senso-comum? Para responder a esta questão tive acesso a dois textos que foram escritos para analisar o que significa saber algo em nível de senso comum. Destaco os seguintes extratos:

Nos dois textos anteriores, argumentamos, no primeiro, que existe um discurso curricular hegemônico do senso comum e que, neste, o currículo é percebido como o conjunto de disciplinas de um curso; no segundo, tentamos desconstruir este discurso, apontando como o mesmo não dá conta de compreendermos a existência de currículo nos espaços e tempos escolares que não estão organizados disciplinarmente. Neste sentido, problematizamos o fato de as escolas da Educação Infantil e as das Séries Iniciais do Ensino Fundamental possuir currículos e os mesmos não serem organizados sob esta forma disciplinar, enfatizando a diferença entre disciplina e matéria. Para não

permaneceremos apenas no discurso de que currículo então poderia ser visto como os diferentes conteúdos que aprendemos explicitamente na escola começamos a problematizar o fato de que, nestas, não aprendemos apenas conteúdos informativos sistematizados e detalhados em seus documentos oficiais. Com exemplos “lembrados” das experiências vividas nos diferentes tempos e espaços escolares, destacamos que, além do currículo manifesto\_\_ em que as matérias (conteúdos brutos) podem ser organizadas sob diferentes formas, (disciplinas, áreas de estudo e atividades) \_\_\_ temos também o chamado currículo “oculto,” que não está explicitado nos documentos oficiais, mas que é vivenciado de forma intensa por todos que passaram pela escola, tendo esta forma de saber curricular um poder enorme de constituir nossa identidade. Em suma, nestes dois textos anteriores no (1) argumentamos que existe um discurso curricular do senso comum e no (2) convidamos vocês a desconstruir este discurso. (CUNHA, 2016 c, p.1)

Discutindo, em sessão de orientação, a necessidade de se desconstruir o conceito de currículo em nível de senso-comum, julguei que esta forma de conhecimento poderia ser errada e deveria ser substituída por uma “certa”, de fundamentação teórica. E, neste caso, seria revelada para mim “na verdade” o que é um currículo. Minha surpresa e angústia ficaram acirradas quando analisamos que não era tão simples e a desconstrução do senso comum estaria apoiada em outra argumentação. Assim, nas palavras de Cunha (2016 c):

Por que esta necessidade de desconstruir o senso comum? Seria este saber errado? Iria agora, finalmente, depois de mostrar as incompletudes desta forma de saber, começar a dizer para vocês o que é currículo de “um modo certo” e, assim, não haveria mais a necessidade de continuar com esta pergunta obsessiva? Nesta lógica, em seguida, quando este “segredo” fosse revelado, vocês anotariam, ansiosamente, a resposta a esta questão, memorizando-a porque, com certeza, uma questão não deixaria de cair na prova e esta seria: o que é currículo? Decorariam esta resposta, tirariam nota máxima na prova e, no próximo semestre, teriam esquecido. (CUNHA, 2016 C,p.2)

Neste texto, complementando o exposto no extrato citado, a autora argumenta que a lógica da proposta do que ensina na disciplina Currículo é discutir que o objetivo do curso é, entre outros, o de que compreendamos que não é apenas uma definição simples de currículo o que se está buscando. Enfatiza que será preciso discutir o objeto currículo com mais profundidade, destacando que quando estivermos planejando currículo sempre teremos um significado do que esta palavra significa e este processo

de planejamento estará baseado neste significado já existente. Assim, constrói três argumentos, apresentados a seguir:

Em primeiro lugar, que não existe um modo certo ou errado de se compreender o que é o currículo, mas que sempre o compreendemos de alguma forma. Afinal, vocês seriam capazes de declarar a expectativa de aprender a planejar um “zucluzu”? Esta palavra, agora inventada, não faz sentido para vocês, mas a palavra currículo faz.

Em segundo lugar, estamos argumentando que o currículo será sempre planejado a partir da forma como está sendo percebido e que esta se manifesta no modo como é falado, no discurso que as pessoas articulam sobre o mesmo. Assim, se for percebido de outra forma, explicado com outro discurso, com outras palavras, o planejamento será feito de outro modo. Enfim, o terceiro argumento é o de que estas diferentes formas de se discursar e planejar o currículo têm sérias e complexas implicações epistemológicas e políticas que devem ser discutidas. (CUNHA, 2016 c, p.9)

Deste modo, com base em nossas discussões de orientação, apoiadas na leitura dos textos citados, percebi que existem diferentes modos do se compreender o currículo, sendo a compreensão em nível de senso comum uma delas, talvez a hegemônica, considerando que atualmente o currículo em todos os níveis da escola brasileira é planejado pelas mesmas, mas nem todos os que participam deste processo tiveram oportunidade de estudar de modo sistemático disciplinas que discutem especificamente o campo curricular. No entanto, deve ter ficado evidenciado que mesmo sem este estudo sistematizado em uma disciplina específica, os que participam do processo de planejamento de currículos escolares têm o saber do que significa currículo em nível de senso comum por terem vivenciado currículos concretos nas escolas em que foram formados.

Ao passar para a compreensão do que significa se compreender o currículo em um nível teórico a questão ficou bem complexa porque existem diferentes teorias que buscam explicar o que é currículo, forjando o que a autora denomina de complexidade epistemológica. Também o modo como o currículo é compreendido pelas diferentes teorias tem implicações políticas, o que a autora denomina de complexidade política. Assim, ao mergulhar na questão que busca compreender o que é currículo a autora argumenta que existe uma complexidade epistemológica e política que não tem sido muito desenvolvida na medida em que :

Ao longo do processo de constituição histórica do campo do currículo no Brasil foram investigadas e discutidas diversas questões. Assim, tivemos momentos iniciais, apoiados em uma racionalidade baseada na chamada teoria tradicional, em que se priorizava a questão do como planejar. Com a penetração no campo do chamado enfoque crítico, notadamente no Brasil a partir da década de oitenta, foram priorizadas questões relativas ao porquê e para quem os currículos deveriam ser planejados. Atualmente, na chamada virada pós-crítica, ou *pós-narrative-turn*, novos problemas têm mobilizado as investigações. O cotidiano da escola tem sido objeto de várias questões, a história das disciplinas vem gerando outras tantas, assim como aquelas relativas à compreensão de como são produzidas e reproduzidas práticas discursivas e não discursivas que constroem nossas identidades, abarcando também visões multiculturais e da diferença que perpassam questões relativas a gênero, sexualidade, etnia e raça, indo além, sem abandonar, as clássicas questões de classe social. Desse modo, considerando a grande variedade e riqueza de linhas de pesquisa no campo, abarcando diversas questões que são analisadas, tendo como base referenciais teóricos diversificados e trabalhos investigativos constantes, poderíamos afirmar que o campo está ficando com maturidade suficiente para enfrentar uma questão que não tem sido explicitada, embora esteja nos “corações e mentes” de muitos educadores que, de diversas formas, se envolvem com o currículo. Esta é uma pergunta que vem sendo calada no campo. Esta pergunta é: o que é currículo? (CUNHA, 2006, p.1)

Deste modo, os estudos de Cunha têm se debruçado sobre esta questão que tem sido calada no campo, talvez em função de uma concepção hegemônica que continua ativa e que considera que a determinação dos conteúdos a serem estudados nos diferentes níveis da educação formal deva ser o cerne da discussão curricular. A discussão da Base Nacional Curricular Comum é um exemplo vivo de como o conhecimento escolar, ou seja, o currículo tem sido problematizado tomando esta visão como base, priorizando aspectos informativos desta forma de saber em detrimento de seus aspectos formativos identitários e, sobretudo da subjetividade de cada aluno singular que se constitui como um ser único que tem o direito de ter a formação de sua subjetividade considerada em toda sua riqueza e complexidade.

Após termos argumentado que podemos discutir o que é currículo tendo por base, além do saber do senso-comum, o saber teórico vamos, nos próximos itens apresentar uma análise sumária das principais teorias de currículo propostas por Silva (2003).

## 1.2- O conceito de currículo em uma teorização tradicional

O presente item tem por objetivo apresentar uma síntese sumária do que significa currículo uma concepção tradicional de acordo com o trabalho de Silva (2003). Em função disso será feita uma síntese do capítulo em que expressa essa concepção e se intitula: Nascem os “estudos sobre currículo”: as teorias tradicionais. Outros autores, além de Silva, também serão incorporados para explicitar melhor a compreensão do que significa currículo nessa concepção agora analisada.

Assim, parafraseando Silva (op. cit.), vimos que a palavra CURRÍCULO, etimologicamente, vem do latim e significa percurso, carreira, curso, ato de correr. Aplicada à educação, seu sentido original sofre adaptações no decorrer da história. Em alguns momentos, passa a significar certo número de conteúdos que devem ser ensinados no processo de escolarização. Em outros, abarca não só conteúdos, mas o modo e os recursos pelos quais os conteúdos devem ser ensinados. Nos dias mais atuais, o termo é quase tão amplo e complexo como o próprio processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Silva (op. cit.) o currículo se configurou como campo de pesquisa no início do século XX, quando os Estados Nacionais fazem do desenvolvimento da educação escolar uma meta principal. Mas este fortalecimento do campo do currículo não foi resultado apenas de um esforço em se entender e buscar repostas intelectuais para a educação, mas um meio de tornar viável o trabalho da gestão pública administrativa e de tornar mais produtiva uma massa populacional até então rural. Por isso, o currículo escolar é alvo de grande interesse durante a Revolução Industrial, e sofre modificações com as descobertas científicas do período, com o crescimento da população e, ainda, com a multiplicação dos meios de comunicação de massa.

Silva (op. cit.) sinaliza que a institucionalização do campo acadêmico do currículo se dá a partir do fortalecimento das questões da área, da criação de um campo específico e devido à recorrente necessidade de especialistas em um mundo cada vez

mais especializado. Mas o autor ressalta que, mesmo antes da institucionalização do campo, ocorrida no século XX, os envolvidos na área educacional de diferentes épocas sempre estiveram de alguma maneira ligados ao currículo, mesmo ainda sem uma nomenclatura específica para o campo, na medida em que profissionais ligados à educação formal discutiam e mensuravam os conteúdos que deveriam ser ensinados nos processos educativos.

A origem do campo está conectada com a necessidade de se difundir a educação escolar em um período histórico específico, onde o motor de desenvolvimento era o modelo industrial. Era necessária a especialização do trabalhador, por conseguinte, da educação, em prol da garantia do processo industrial. Especialistas eram necessários para “fiscalizar” a aplicação do currículo previamente definido e garantir a obtenção de seus resultados. Para analisarem as transformações sociais e a consolidação do campo do currículo, os Estados Unidos conformam um cenário ideal.

A nova configuração produtiva necessitava de mão de obra capaz de atender às novas demandas sociais. Era de extrema importância um processo educacional que capacitasse à população e racionalizasse resultados a partir de fins especificados e medidos, baseados na especificação de objetivos comportamentais, que destacavam a importância de conteúdos formais de aprendizagem. Os Estados Unidos do início do século XX vivenciam um período de forte processo de industrialização e de entrada de uma grande massa de imigrantes. O currículo, então, começa a ser pensado de modo mais sistemático, com o intuito de atender aos interesses fabris. Deste modo, a escola é o braço do Estado que precisa formar mão de obra qualificada, e os estudantes produtos deste processo. A eles cabia o papel de receber informações previamente desenvolvidas por um determinado grupo de especialistas conectados a interesses muito específicos: a obtenção de lucros, maior consenso e construção de hegemonia. Podemos notar que a construção do campo como objeto de estudo está implicitamente ligado à questão do poder, manutenção do *status quo* e reprodução de ideologias.

Neste período inicial, é marcante a busca por respostas para entender qual seria a finalidade da escolarização de massas e quais os seus objetivos. O autor mais representativo deste período, Bobbit (apud SILVA, op. cit.), por exemplo, discute em sua principal obra, *The Curriculum (1918)*, como o mesmo deve ser algo diretamente elaborado em função das necessidades do mundo do trabalho. Para ele, este processo

deveria ser uma atividade especificamente técnica, desenvolvida considerando basicamente o perfil profissiográfico do aluno, como algo abstrato, sem considerar sua subjetividade singular. Na defesa deste ponto de vista, o autor percebe o currículo como funcional ao modo de produção capitalista, eliminando assim a possibilidade de ser um veículo de transformações sociais, negando as relações de poder presentes no processo de construção do campo curricular.

Como nos alerta Silva (op. cit.) a posição de Bobbit é apenas uma visão sobre os fatos, uma visão particular sobre o currículo, mas que foi a base para uma corrente de pensamento sobre as análises curriculares que foi forte por um longo período. A visão de Bobbit foi tomada como verdade absoluta e seguida por um grande número de pessoas relacionadas ao âmbito da educação e que defendiam o que chamamos hoje de visão tradicional do currículo. No entanto, esse autor, Bobbit, apesar de ser considerado um marco na construção do campo curricular, teve sua influência mais restrita aos Estados Unidos.

O pensamento tradicional sobre o currículo é fortalecido por outros autores, notadamente Ralph Tyler (1949), que consolida o paradigma de Bobbit, apesar de incluir em seu livro, hoje considerado um clássico, aspectos ligados à filosofia e à sociedade. De modo diferente de Bobbit, a obra de Tyler teve grande inserção teórica na construção do campo curricular no Brasil. Para explicar o currículo, ele reafirma a necessidade de organização e desenvolvimento dos alunos, em uma visão também tecnicista. Mas, diferente de Bobbit, Tyler insere em suas análises fontes como a psicologia e outras disciplinas acadêmicas para sustentar sua argumentação: os objetivos do currículo devem ser bem estabelecidos para obter os comportamentos desejáveis. Não deixava de ser uma visão tecnicista do currículo escolar, que transparecia uma determinada visão da sociedade.

A visão tradicional sobre o currículo se relacionava com um momento histórico de exaltação do modelo fabril e do estilo de gestão pública centralizada. Além disso, a preocupação central nesta concepção prioriza, segundo Silva (op. cit.) os conceitos de “ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização de conteúdos, planejamento, eficiência, objetivos” (SILVA, op, cit, p. 17). Os conceitos que serão trabalhados posteriormente pelas teorias críticas como ideologia, poder, reprodução cultural e social, classe social, resistência, currículo oculto não são trazidos por uma

compreensão de currículo nesta concepção tradicional. Muito menos os de identidade e subjetividade que começam a ser discutidos apenas no amadurecimento teórico das teorias críticas em sua passagem para as pós-críticas.

Em suma, em uma visão tradicional de currículo o mesmo é concebido como sendo constituído por um conteúdo informativo a ser ensinado nas escolas, não analisando de modo mais acurado o potencial formativo deste conhecimento.

No âmbito das teorias críticas, apresentadas a seguir, ainda seguindo a orientação de Silva, o quadro no campo curricular torna-se mais complexo.

### **1.3- O conceito de currículo em uma teorização crítica**

A década de 60 do século passado foi marcada por inúmeros movimentos contrários ao *status quo* realizados em diversos lugares do mundo. Foram manifestações contrárias aos regimes ditatoriais, contra as guerras, as intolerâncias sexuais e religiosas, dentre outros movimentos importantes. É nesta época que começam a emergir discussões que colocariam em questionamento a teoria curricular tradicional, notadamente pelas suas implicações políticas conservadoras do “status quo.”

Nos Estados Unidos, esse movimento de repensar as teorias curriculares tradicionais foi chamado de “reconceptualização” e teve, segundo Silva (op cit.) William F. Pinar (apud SILVA) como seu maior expoente. Apesar de sua importância para a construção do campo curricular em uma perspectiva crítica, esse autor não teve muita divulgação inicialmente no Brasil talvez pelo fato de suas obras não estarem traduzidas. Atualmente, suas concepções começam a ser mais discutidas na academia brasileira. Já na Inglaterra, esse movimento foi denominado “nova sociologia da educação”, a partir dos trabalhos de Michael Young que, diferentemente do autor anterior, teve, desde o início de sua principal obra *Knowledge and Control* editada em 1971, grande influência na construção do campo curricular no Brasil, notadamente através dos trabalhos de Antonio Flávio Barbosa Moreira (1995). Também na França, uma produção crítica começa a se sistematizar e podemos destacar intelectuais como Althusser, (1983) e Bourdieu e Passeron, ( 1975 ) autores que não só modificam as

concepções teóricas sobre currículo, mas também elaboram reflexões que incidem sobre suas práticas.

O Brasil, segundo Moreira (op. cit.) entra neste movimento alguns anos mais tarde, ao final do período ditatorial, quando também passa a produzir uma nova teoria e, por conseguinte, outra maneira de ver o papel do currículo no processo educativo, notadamente através dos trabalhos de Paulo Freire (1967) e sua pedagogia da libertação e Demerval Saviani (1983) com a sua proposta de uma Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. Vale ressaltar que esses dois teóricos nacionais citados, segundo Silva (op. cit.) constroem o campo curricular crítico de uma maneira indireta, considerando que não escreveram obras específicas sobre currículo, mas obras que, ao refletirem sobre a educação de um modo crítico, influenciaram as teorias curriculares.

Em contraponto às concepções tradicionais, essas teorias com o chamado enfoque crítico, estavam preocupadas em realizar uma análise mais aprofundada sobre as relações entre o conhecimento escolar e as estruturas de poder e controle. Diferentemente das teorias tradicionais prioritariamente de bases tecnicistas, que reproduziam a lógica dominante por não estarem preocupadas com as questões políticas e verem no currículo um conhecimento neutro, esses autores estavam interessados em colocar em xeque o próprio conhecimento escolar, analisando como o mesmo é construído em suas relações complexas, discutindo “para quem” e para que” esse conhecimento é produzido, configurando assim uma segunda fase no processo de construção no campo no Brasil, como anteriormente ressaltado. O primeiro, com as teorias tradicionais, estava preocupado com as questões relativas ao como planejar currículos sem problematizar de modo crítico este objeto.

Complementando a análise de Silva (op. cit.), Sacristan (2000) nos indica que mais importante do que mensurar quais conteúdos são mais ou menos válidos, através de escolhas tidas como cientificamente corretas, nesse novo momento histórico em que se constrói a concepção crítica passa a ser mais importante a realização de uma análise mais ampla, que leve em consideração todo o percurso educacional, todas as situações geradas na relação ensino-aprendizagem, partindo do pressuposto de que essa análise só pode ser feita considerando o modelo de sociedade na qual a escola e os seus currículos estão inseridos. Desse modo, a teoria crítica de currículo é sempre uma teoria que se fundamenta em uma crítica de nossa sociedade atual, que é capitalista e, portanto, está

imbricada de modo complexo e relacional na lógica do próprio capitalismo, podendo tanto ter a função de estar ligada à reprodução quanto à transformação desse modo de produção. Os conteúdos deixam de ser vistos apenas como uma seleção neutra de dados que foram selecionados e convencionados para fins específicos: aptidões e habilidades.

Quando as discussões sobre o currículo se baseavam em uma teoria tradicional hegemônica, o campo educacional caiu em um jogo perigoso de perguntas e respostas que terminavam por direcionar como a realidade deve ser. Silva (op. cit.) sinaliza que mais importante do que mensurar o verdadeiro significado do currículo é entender como o currículo é construído sobre o entendimento daqueles que o estão produzindo. O currículo deve ser encarado como algo complexo, mudando no espaço e tempo, e que leva em consideração a cultura em que está inserido, não sendo algo fácil de compreender e nem tem uma função totalizadora.

Cunha (2006) nos alerta que apesar de na atualidade existir uma grande variedade de linhas de pesquisas no campo do currículo que discutem e investigam uma série de questões importantes com base em referenciais teóricos diversificados, tais pesquisas ainda não responderam a uma questão crucial para o campo. Esta é: o que propriamente é currículo? Assim, as teorias tradicionais se preocupam em responder à questão: como planejar um currículo? Nessa questão não existem preocupações políticas e epistemológicas mais complexas porque o currículo é visto como algo técnico que deve se basear em normas técnicas de planejamento. As teorias críticas avançam e tentam responder às questões: para que e para quem um currículo é planejado? Nessas questões aparece claramente a noção de que currículo não pode ser restringido à sua dimensão operacional, tendo implicações políticas e epistemológicas. No primeiro caso, porque o conhecimento escolar é visto no seu “para que” relacionado ao próprio processo de constituição da sociedade capitalista e, no segundo, porque o conhecimento escolar é selecionado para pessoas diferentes, de classes sociais distintas e dota as mesmas de diferentes poderes. Aparece, na teoria crítica, a relação conhecimento/poder que não estava destacada e muito menos analisada na teoria tradicional.

Para Cunha (2004) responder a essa questão não significa torná-la essencialista, determinando a partir da sua resposta o que seria o verdadeiro conceito de currículo, “descobrir” sua essência, mas assumir uma postura mais complexa e dialógica. A autora se debruça na análise de estudos de alguns autores do campo do currículo,

encontrando dois grupos distintos. Para um determinado grupo de autores a definição do currículo não era um problema. Não havia maiores questões conceituais e o importante era apenas ensinar a planejá-lo. Neste mesmo grupo outros autores apresentavam uma série de definições sobre currículo e optavam por uma delas, mas sempre retomando a preocupação em como ensinar a planejá-lo, sem problematizar a definição assumida.

Cunha (2004) encontrou um segundo grupo de autores considerados clássicos por sua importância na construção do campo do currículo no Brasil e optou por analisar a obra principal de cada um de seus representantes: Ralph Tyler como paradigmático de uma teorização tradicional e Michael Apple como o de uma teorização crítica. Esses dois autores foram selecionados uma vez que foi observado que havia maior penetração de suas obras em determinadas universidades em um dado momento histórico no Brasil. Estes, por sua vez, não apresentaram em suas obras uma definição clara sobre o conceito de currículo. A autora, julgando que mesmo não havendo uma definição escrita sobre o conceito, determinados termos e palavras-chave dentro de um contexto discursivo, presente em suas obras, ajudaria a constituir o que seria currículo para esses autores.

Identificar os conceitos implícitos nas obras de Tyler e Apple não significa reduzi-los, pois cada conceito abarca uma série de múltiplos significados. Ao analisar o vocabulário dos autores citados, foi constatado que as palavras básicas de Apple não são as mesmas de Tyler e que o objetivo central de Apple não estava centrado no processo de planejamento curricular. Tyler, de modo diferente de Apple, possuía uma visão tradicional do currículo, porque não explicita comprometimento político em sua obra, assumindo uma postura de neutralidade frente às questões sociais. Em nenhum momento na obra de Tyler ele questiona o fato do porquê e para quem o currículo é construído. Observa-se uma preocupação em sua obra em como planejar esse currículo, mas não há problematização sobre o que é esse objeto. Como exemplo, indica que em sua obra clássica Tyler não cita uma única vez a palavra poder. Já a obra analisada de Apple está baseada em uma teoria crítica do currículo porque explicita que o conhecimento escolar sempre está relacionado às questões de relações de poder entre o mesmo e a sociedade, estando por isso sob controle político que pode implicar em estratégias de manutenção ou transformação dessa mesma sociedade.

Aprofundando as diferenças entre a teoria tradicional de currículo e a crítica, Cunha (1998) argumenta que Tyler, de modo diferente de Apple, identifica apenas o currículo manifesto, aquele programado pela escola. Apple sinaliza que o currículo manifesto e o currículo oculto, caminham juntos no tempo/ espaço escolar. Isso significa que a escola, além de desenvolver o currículo explícito, que está formalizado no projeto político pedagógico, em suas grades curriculares, em suma, aquele que é tido como oficial, desenvolve também o que podemos chamar de currículo oculto, referente à transmissão de valores, normas e comportamentos que são apreendidos pelos alunos a partir do modo como a escola constrói o próprio conhecimento escolar em sua prática concreta, histórica, situada e cotidiana. Enquanto o currículo explícito formaliza e hierarquiza os graus escolares e os critérios de avaliação por mérito ou prestígio, o oculto desenvolve nos alunos a aceitação da hierarquização e do privilégio, forjando suas identidades. Os comportamentos dos professores e demais membros da escola trazem esse currículo oculto, que alunos, em seus diferentes níveis de escolarização, vivenciam. O primeiro a usar este termo e utilizar a expressão “currículo oculto” foi Philip Jackson (1968), um educador americano. Segundo Silva (1999), Jackson em seu livro *Life in Classrooms*, apresenta características estruturais da sala de aula que contribuíam para o processo de socialização. A referência também foi utilizada por Bowles & Gintis (1976) e Apple (1982). Mas a origem da noção de currículo oculto é anterior, pois temos, em 1938, John Dewey referindo-se a uma “aprendizagem colateral” de atitudes que ocorre de modo simultâneo ao currículo explícito. Resumindo temos que a concepção crítica, ao invés da tradicional, incorpora ao conceito de currículo a noção de currículo oculto em que o mesmo pode ser entendido como sendo constituído por todos “aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, op. cit.). Deste modo, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações, que ajudam a constituir nossa identidade.

Com base nessa compreensão que liga o conhecimento escolar não apenas aos aspectos informativos, mas também aos formativos de identidades, essa possibilidade do conhecimento escolar avança gradativamente da compreensão da identidade de classe social, já veiculada no campo, para uma análise centrada em outros aspectos culturais e não apenas econômicos desta construção. Autores como Stuart Hall ( 1998)

que investigam as diferentes identidades começam a ser um referencial entre vários autores brasileiros, destacando-se as pesquisas de Moreira (2006 e 2008) que investiga sistematicamente como o currículo pode ser peça-chave na construção identitária de alunos que o vivenciam.

Por seu lado, Silva (op. cit) ao também investigar esta possibilidade escreve sua obra mais difundida, colocando que esta compreensão deste aspecto complexo do currículo não poderia ser bem compreendido dentro do quadro teórico das chamadas teorias críticas e propõe uma categorização para este enfoque teórico que denomina de pós-crítico. Tal enfoque será analisado sumariamente a seguir.

#### **2.4- O conceito de currículo em uma teorização pós-crítica**

Tomando como referência a argumentação de Silva (op. cit) as concepções pós-críticas de currículo seriam aquelas que perceberiam o conhecimento escolar vinculado de modo relacional complexo às questões de poder e controle, tal como preconizam as teorias críticas. No entanto, de modo distinto destas a noção de poder nesta nova concepção, que começa a se estruturar de modo sistemático no campo curricular após os anos noventa do século passado, sofre uma ampliação no sentido de perceber o conhecimento escolar como tendo não apenas o poder de mediar o controle de aspectos econômicos, relacionados à construção da identidade de sujeitos pertencendo ao “nós” de classes sociais. O poder do currículo não opera assim somente em relação mediadora no sentido macro das relações econômicas, mas também nos micros-poderes expressos no fato de que os discursos expressos nos saberes curriculares, manifestos e ocultos, constituem também outras formas de nossas identidades, além da de classe, tais como as de gênero, sexual, étnica, enfim as de caráter cultural. Enfatizando essa argumentação termina sua obra colocando que currículo “é uma questão de poder, saber e identidade” (SILVA, 2003, p. 145).

Ao assumir tal postura sua obra realiza no capítulo intitulado “as teorias pós-críticas” uma verdadeira revisão da literatura desenvolvida por teóricos do chamado pós-estruturalismo que compreende autores, entre outros, como Michael Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida. Também percorre os estudos feministas, multiculturalistas, pós-colonialistas, destacando a contribuição de autores mais

representativos de cada um destes campos, mas assumindo claramente nestas análises uma defesa de posições pós-estruturalistas.

Ao trabalhar esta obra de Silva (op. cit.) no ensino da disciplina Currículo em Cursos de Graduação, Cunha (2016 a-j) em suas investigações foi gradativamente construindo o argumento de que tal categorização não poderia continuar sendo aceita sem uma discussão da mesma, havendo possibilidade de outras compreensões deste objeto. Deste modo, reconhecendo a importância do trabalho de Tomaz Tadeu da Silva, coloca que há uma necessidade de se estabelecer uma diferença teórica mais apurada entre os conceitos de identidade e o de subjetividade porque isto tem sérias implicações epistemológicas e políticas na compreensão do objeto currículo. Deste modo constrói para o ensino da disciplina um livro didático já finalizado, mas a ser ainda publicado, argumentando que:

um livro didático deve ter critérios que possibilitem ao corpo discente ter: (1) acesso a um texto com uma linha de argumentação coerente, no sentido de articulação de suas partes, preservando a continuidade e integração do processo de ensino, ou seja, permitir aos graduandos de Pedagogia que leiam integralmente um livro com início, meio e fim; (2) ter um espaço, com embasamento teórico, para problematizar as questões levantadas na obra, enriquecendo a bibliografia básica, discutida em classe, com uma mais ampla, a ser lida ao longo da formação e que amplie a complexidade da discussão e desperte no discente “a vontade de ler”. E, finalmente, o critério de possibilitar ao corpo discente uma leitura diferenciada das teorias curriculares, na medida em que a obra não busca simplesmente categorizar essas teorias, como é sugerido na ementa da disciplina, mas problematiza a categorização hegemônica existente, propondo outra e argumentando sobre várias possibilidades de compreensão teórica do objeto currículo, destacando que ao se assumir uma postura discursiva teórica, qualquer que seja, temos que estar conscientes de suas implicações epistemológicas e políticas. (CUNHA 2016.k, p.3).

Nesta obra, propõe um enfoque no qual a compreensão do objeto currículo passa a ser não mais categorizada como sendo tradicional, crítica e pós-crítica e sim em um quadro teórico que enfatiza a noção de discursos teóricos curriculares modernos e pós-modernos. Tal posição será sumariamente relatada a seguir.

### **1.5- Outra categorização para se compreender teoricamente os conceitos de currículo**

Considerando a dificuldade que é, para mim, entrar em uma discussão que ainda está se construindo, optei neste item em não parafrasear tanto o autor, como fiz em relação ao pensamento de Silva (op. cit.), apresentando uma sumária síntese de aspectos de sua obra considerados por mim relevantes. Achei, no caso atual, mais seguro dar voz direta a uma síntese que Cunha (2016k) apresentou para sua proposta, mesmo que isto tenha como consequência um texto com citação maior que as habituais. Deste modo, ao apresentar, na voz da autora, o modo como o livro está organizado, podemos ter uma visão sumária da especificidade de seu pensamento em relação ao de Silva e de como esta linha de argumentação foi por mim apropriada para conduzir minha monografia, explicitando o modo como construí o conceito de currículo como sendo o conhecimento escolar que, entre outros elementos, atuou na formação tanto de minha identidade, notadamente a profissional quanto na de sujeito singular e de como o corpo discente está percebendo o conceito de currículo. Nas palavras da autora:

Considerando o caráter didático da obra, a mesma foi construída buscando atender aos critérios anteriormente explicitados, sendo organizada de modo a poder ser integralmente lida e trabalhada no tempo de integralização da disciplina. Está organizada em três unidades e doze capítulos.

A organização em três unidades partiu da constatação que o corpo discente precisava de um momento inicial em que os conteúdos a serem abordados deveriam ter uma relação direta com a sua prática cotidiana concreta explicitando o que entendiam nesse momento histórico de sua formação por currículo. Desse modo, o primeiro capítulo que tem como título “O discurso curricular do senso comum” procura identificar o que a classe compreende por currículo, argumentando que esse saber é válido, localizando-o no âmbito do senso comum. A seguir, essa concepção de currículo é problematizada no segundo capítulo, intitulado “Desconstruindo o discurso curricular do senso comum” em que se procura analisar como a concepção do senso comum, construída em um discurso que tem sua própria validade, precisa ser desconstruído por não conseguir proporcionar uma base analítica para enfrentar uma gama de questões curriculares que somente uma concepção mais ampla e relacional teria poder heurístico para tal. Em um terceiro capítulo, intitulado: “O discurso curricular do senso comum reconstruído” há um retorno ao conceito do senso comum, que percebe currículo como o conjunto de disciplinas ou matérias de um curso, problematizando os conceitos de disciplina e matéria com base na legislação brasileira específica do campo de currículo, analisando pareceres e resoluções do antigo Conselho Federal de Educação, assim como leis federais como as Leis Orgânicas Capanema, a 4024/61 e a 5692/71 para situar o corpo discente em um processo histórico ancorado na construção do campo curricular no Brasil, através da análise desses

instrumentos legais. Para a compreensão concreta do momento histórico atual, o capítulo também analisa o modo de organização curricular por disciplinas, destacando conceitos como grade curricular, fluxograma, carga horária, crédito, ementa, integralização e requisitos curriculares. Deste modo a primeira unidade busca partir da realidade do corpo discente, compreendê-la e tentar ir além, propondo uma nova forma de saber o que é currículo.

A segunda unidade tem por objetivo construir uma discussão sobre o que significa o saber teórico para, posteriormente, na terceira e última unidade abordar especificamente as teorias curriculares que foram categorizadas no livro não mais como tradicionais, críticas e pós-críticas, como tem sido hegemônico no campo até o momento atual, construindo a noção de discursos teóricos curriculares modernos e pós – modernos. Vale ressaltar que esse é o título da obra.”

Ainda segundo Cunha (op, cit.) “ a firme e difícil opção por incluir no livro uma longa unidade inteira destinada à compreensão do que significa a compreensão de um objeto tendo por base o saber teórico, surgiu da constatação, ao longo da docência da disciplina, de que o corpo discente, de um modo geral, tinha dificuldade em construir um saber relacional entre o que aprendiam em Filosofia, Sociologia e História da Educação, inclusive não conseguindo rastrear e problematizar os próprios conceitos de teoria tradicional e crítica localizando-os no surgimento histórico dos mesmos no âmbito da Escola de Frankfurt.

Desse modo, a segunda unidade intitulada “A complexidade epistemológica e política da construção histórica de teorias” está organizada em cinco capítulos, cujos títulos podem dar uma dimensão do que tratam: (4) A complexidade epistemológica e política do discurso curricular no estilo “Era uma Vez”; (5) O discurso teórico da antiguidade até o início da modernidade: decodificando a estória sobre a complexidade epistemológica e política do conceito de currículo no estilo “Era uma Vez” até Rousseau e Kant; (6) O discurso teórico da modernidade contemporânea, século XVIII, até a Escola de Frankfurt, século XX. Continuando a decodificar a estória sobre a complexidade epistemológica e política do conceito de currículo no estilo “Era uma Vez”; (7) O discurso teórico moderno da Escola de Frankfurt, século XX, até a pós-modernidade. Continuando a decodificar a estória sobre a complexidade epistemológica e política do conceito de currículo no estilo “Era uma Vez”; (8) Relatos de uma Morte Anunciada, em que se discute a “morte do sujeito” na pós-modernidade e se busca uma saída para esse impasse, tentando reconstruir o conceito de sujeito após a chamada guinada linguística, analisada em suas diferentes vertentes.

Os capítulos da segunda unidade têm no subtítulo as palavras “Era uma vez” porque o texto, para tentar enfrentar a aridez do tema, foi construído tendo por base uma estória criada para servir como fio condutor da narrativa e vai sendo decodificada na medida em que os capítulos avançam. Também, compondo a narrativa textual, existe a explicitação da história de formação de uma subjetividade, relacionando essa formação ao currículo vivenciado ao longo dessa trajetória de vida. Tal estratégia foi adotada porque a tese desenvolvida ao longo do livro é a de que o currículo é o conhecimento escolar formador, além de identidades, de subjetividade propondo para estes dois conceitos (identidade e subjetividade) concepções distintas e analisando o conceito de subjetividade à luz de um quadro teórico

que incorpora as contribuições da chamada guinada linguística em suas diferentes acepções discursivas, sem privilegiar a pós-estruturalista que tem sido hegemônica no campo.

Finalmente, a terceira unidade, intitulada “Discursos curriculares modernos e pós-modernos”, tenta responder à questão central da obra: “o que é currículo?” argumentando que, no discurso teórico, não existe uma única resposta. Em suma, dependendo do modo como o sujeito epistêmico busca compreender o objeto currículo a resposta será diferente, porque existem implicações epistemológicas e políticas nesta construção. Assim, o discurso teórico curricular moderno possui respostas baseadas em uma teorização tradicional e em uma teorização crítica. Já o discurso curricular pós - moderno, incorporando a chamada guinada linguística, pode ter respostas a essa questão que também serão diferentes a depender do modo como a linguagem está sendo considerada, rastreando as possibilidades baseadas na linguística de Saussure que deram base a uma concepção pós-estruturalista e outra vertente, baseada em Mikhail Bakhtin, que apresenta uma riqueza de possibilidades que, pela sua base marxista, não mata o sujeito da História e permite continuar percebendo o conhecimento escolar como um dos referentes para a manutenção da categoria política da emancipação tão cara a teóricos como Adorno, Habermas e Boaventura de Sousa Santos. Em suma, o livro argumenta que ao se planejar o currículo devemos compreender este objeto e que esta compreensão é complexa não havendo uma única resposta, mas que da mesma depende o fato de termos pedagogos cientes do compromisso político que possuem ao estarem construindo, no âmbito de cada escola, o currículo da mesma e que este está, além de estar informando conteúdos que foram selecionados do universo cultural, também está formando identidades e subjetividades.” (CUNHA, 2016 f.p. 6-7).

## **1.6. Relações entre as categorias de conceitos propostas na ementa da disciplina e a percepção do corpo discente**

Creio não ser gratuito o fato de o último capítulo de o livro de Silva (op. cit.) ter como título: *Currículo: uma questão de saber, poder e identidade* e o último capítulo do livro, ainda não publicado, de Cunha (2016) ter como título, também no último capítulo, as palavras: *Currículo: uma questão de saberes, poderes, identidades e subjetividade*.

Deste modo, os dois autores que serviram de referencial teórico para a análise das concepções de currículo existentes em 2016 no corpo discente do curso de Pedagogia enfatizam a complexidade, tanto epistemológica quanto política, do campo curricular, indo além de uma concepção que o perceba prioritariamente como o conjunto de disciplinas de um curso.

Assim, ao buscar compreender como o corpo discente percebe este conceito estou consciente, como já declarei anteriormente, que a investigação que efetuei no campo e que será explicitada a seguir poderá ter várias lacunas, devido à complexidade da tarefa. No entanto também estou convencida que a mesma foi conduzida com o sentido de procurar envolver este corpo discente, que tem responsabilidade na implementação e avaliação constante do currículo que vivenciam, em discussões que procurem ir além de uma discussão que perceba o currículo em uma dimensão restrita que deve ser superada. Afinal, se o currículo que está sendo formulado atualmente for percebido como o conhecimento escolar formador da subjetividade de cada aluno singular passará a ser uma tarefa que diz respeito a cada um de nós. E nos tornaremos responsáveis por aquilo que cativamos.

## **Capítulo II-. As concepções de currículo do corpo discente do curso de Pedagogia da UFRJ**

O presente capítulo tem por objetivo apresentar e analisar os dados obtidos no trabalho de campo realizado com os sujeitos investigados. Está organizado em cinco tópicos: quem é o corpo discente investigado; os problemas do currículo percebidos pelo corpo discente; os aspectos positivos do currículo percebidos pelo corpo discente; as sugestões para a melhoria do currículo e, finalmente uma consideração sobre as concepções de currículo do corpo discente. Os dados foram obtidos através de um questionário, já explicitado, e confrontados com uma entrevista realizada com a Coordenadora do Curso. O fluxograma e a ementa que apoiam a base documental para a triangulação encontram-se em anexo para consulta.

### 2.1- Quem é o corpo discente investigado

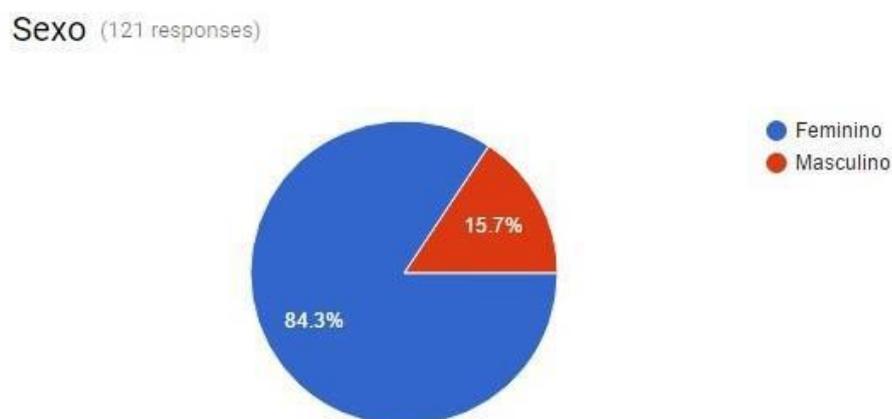
O corpo discente investigado está incluído em um universo de aproximadamente 700 alunos, que fazem o curso nos três turnos. O perfil do aluno do curso de Pedagogia da UFRJ, assim como em diversos cursos, foi alterando-se progressivamente. Com a reestruturação produtiva ocorrida no Brasil ao longo da década de 1980 e a expansão

acelerada do ensino superior na década de 1990 nesse contexto, um grupo social específico passou a ter acesso à educação superior. Essa é uma estratégia de adequação às novas demandas do capital e tem íntima relação com o progresso ou a permanência em postos de trabalho. Dessa forma, a máxima "estudar para trabalhar" foi substituída pela "trabalhar para estudar", ou seja, se antes nas universidades públicas prevalecia um perfil de aluno que estudava integralmente em cursos tradicionais, sem a necessidade de trabalhar para se sustentar, atualmente a situação se transformou. Temos ainda uma parcela privilegiada que se encaixa no perfil descrito anteriormente, mas não devemos desconsiderar a grande fração de alunos que trabalha em jornada integral e que à noite estudam após um dia cansativo.

Devo salientar que o trabalho associado aos estudos é a realidade de muitos alunos investigados nessa pesquisa, e que se espera que questões relacionadas à essa condição apareçam nos olhares sobre o currículo, que deve considerar quem são esses sujeitos e o que esperam da universidade.

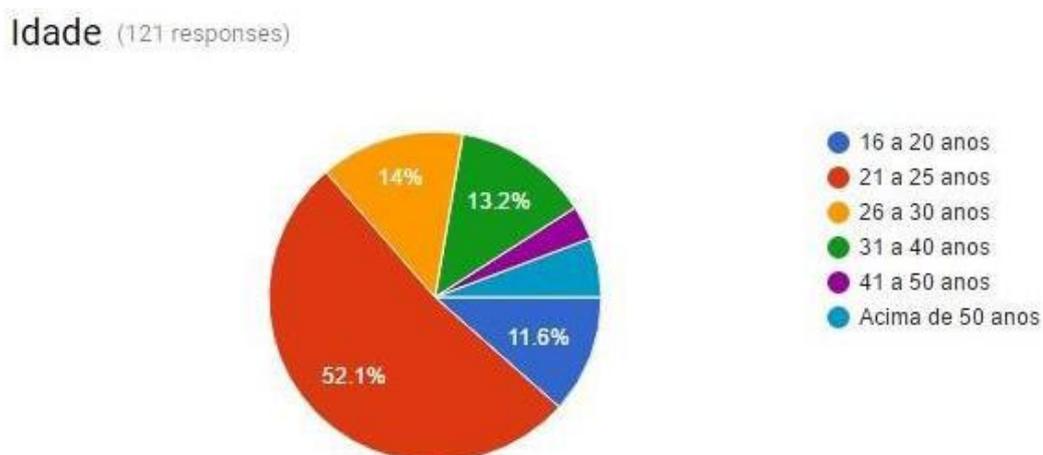
Após estas considerações serão apresentados, em figuras, o perfil dos alunos investigados. Assim, em relação ao sexo:

**Figura 1-Distribuição do corpo discente investigado por sexo**



Dos 121 alunos que responderam ao questionário, 84,3% eram do sexo feminino, contra 15,7% do sexo masculino, o que demonstra que não obstante exista um movimento masculino de busca pela formação pedagógica, há ainda a tradicional predominância das mulheres no curso.

**Figura 2 Distribuição do corpo discente investigado por idade**



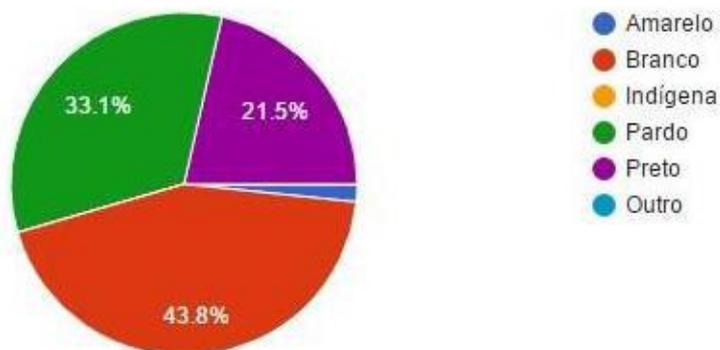
A idade da maioria dos estudantes investigados está na faixa dos 21 aos 25 anos (52,1%), seguidos de 14% que estão entre 26 e 30 anos, 13,2% que estão entre 31 e 40 anos, 11,6% que estão entre 16 e 20 anos, 5,8% daqueles que estão acima de 50 anos e 3,3% dos que estão entre 41 e 50 anos.

Observando esse arranjo, pode-se notar que mesmo que a maioria dos alunos investigados esteja na idade "desejável" para a vida acadêmica, faixas etárias que até

pouco tempo não apareceriam nas estatísticas de uma graduação universitária ganham destaque.

**Figura 3 Distribuição do corpo discente investigado por biotipo de cor autodeclarada**

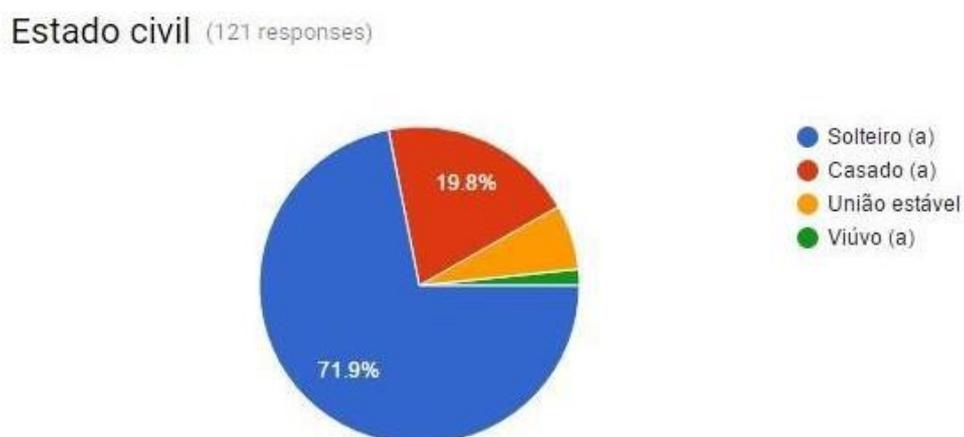
Como você se autodeclara? (121 responses)



Outro item presente no questionário foi a autodeclaração de cor, onde as opções eram: amarelo; branco; indígena, pardo; preto e outro. Sabe-se que muitos sujeitos não se sentem contemplados com tais definições, mas considerei importante mapear essa questão e compreender como esses alunos se declaravam. Durante a entrega e

devolução de questionários, uma aluna riscou o termo "preto" e o corrigiu para "negro", demonstrando um incômodo com o termo utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 43,8% dos alunos se declararam como brancos na pesquisa, seguidos de 33,1% que se consideram pardos, 21,5% como pretos e 1,7% como amarelos.

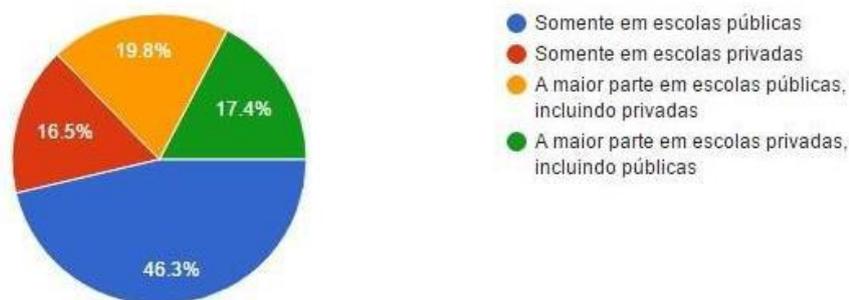
**Figura 4 Distribuição do corpo discente investigado por estado civil**



Em relação ao estado civil, 71,9% dos alunos são solteiros, 19,8% casados, 6,6% vivem em uma união estável e 1,7% é viúvo. Não tivemos acesso a dados anteriores para a verificação se este quadro atual tem se mantido estável, mas existe a suposição que a união estável esteja em alta.

**Figura 5 Distribuição do corpo discente investigado por formação na educação básica**

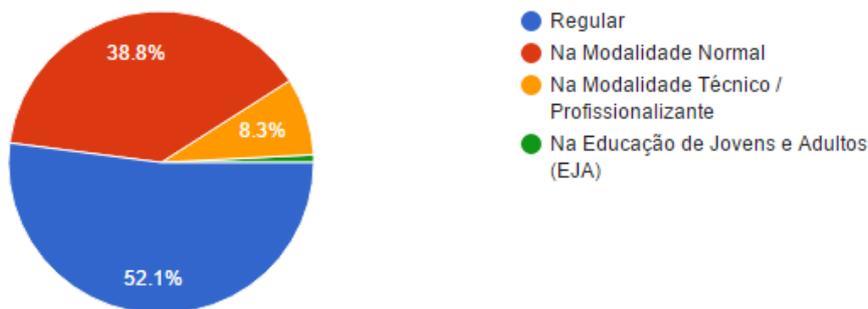
Onde realizou a sua educação básica? (121 respostas)



Quando a questão envolve a origem de formação na educação básica, os resultados são diversificados: 46,3% estudaram somente em escolas públicas; 19,8% cursaram a maior parte em escolas públicas, incluindo privadas; 17,4% estudaram a maior parte em escolas privadas, incluindo públicas e 16,5% estudaram somente em escolas privadas. A predominância da escola pública na formação desses alunos é notória, mas a presença da iniciativa privada também é considerável. O fato de a maioria ser proveniente de escolas públicas indica que o Curso de Pedagogia está recebendo um alunado com um perfil diferenciado daquele existente antes da política das cotas, que possibilitou um maior acesso de alunos provenientes de grupos econômicos de menor renda, o que significa um ganho político para o curso no sentido de enfrentamento de possíveis desigualdades econômicas, mas implica em uma política mais sólida de permanência desse alunado.

**Figura 6 Discriminação do corpo discente investigado em relação à formação no ensino médio**

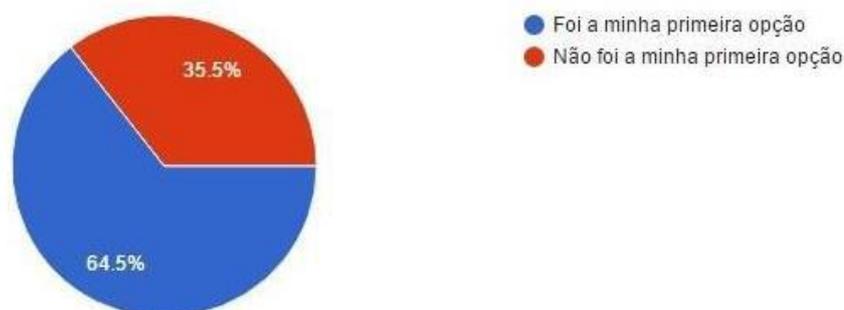
### SUA FORMAÇÃO NO ENSINO MÉDIO FOI: (121 responses)



A formação no ensino médio dos alunos investigados revela um traço característico dos cursos de pedagogia: a presença do chamado curso "normal", atualmente denominado de curso de formação de professores, precedendo a graduação. 52,1% estudaram na modalidade regular, enquanto 38,8% fizeram o ensino médio na Modalidade Normal, seguidos de 8,3% na modalidade Técnica-Profissionalizante e 0,8% na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O surgimento, ainda embrionário, de alunos provenientes da Educação de Jovens e Adultos pode indicar que o alunado desta modalidade esteja já conseguindo o tão almejado acesso ao ensino superior.

### Figura 7- Percentual de escolha do Curso de Pedagogia no Vestibular como primeira opção

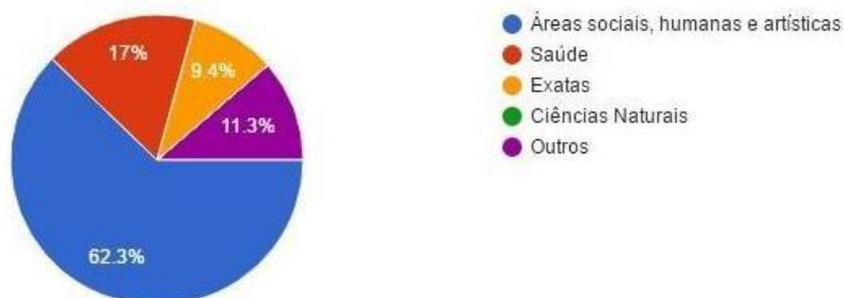
#### O curso de Pedagogia na UFRJ: (121 responses)



Para 64,5%, o curso de pedagogia foi a primeira opção na universidade, enquanto que para 35,5% não foi. Este dado indica que o curso está tendo uma maior aceitação por parte dos ingressantes. Em eventos realizados pela UFRJ para orientação de possíveis ingressantes como principalmente o “Conhecendo a UFRJ” está sendo identificada uma crescente procura por informações sobre este curso. Tal fato pode ser explicado pelo avanço da Educação Infantil nas políticas educacionais públicas atuais, o que exige mais professores para este nível de ensino

### Figura 8- Explicação das demais opções de escolha no vestibular

Caso o curso de Pedagogia não tenha sido a sua primeira opção, qual seria?  
(53 responses)



Para o percentual de alunos que não escolheram o curso de pedagogia como primeira opção, 62,3% tiveram como primeira opção de curso as áreas sociais, humanas e artísticas, seguidas de 17% que primeiramente optaram pela área da saúde, 9,4% que escolheram exatas e 11,3% em outras áreas. Isto indica que mesmo não tendo ingressado no curso como uma primeira opção, estes discentes têm prioritariamente um interesse em cursos de áreas relacionadas à Educação, o que torna este público “cativável”, resgatando a epígrafe. Existem relatos de alunos que colocaram que mesmo não sendo a Pedagogia sua primeira opção, logo no início do curso já estavam se identificando com a ideia de se tornarem pedagogos e não pretendiam mudar de curso. Assim, embora a maioria dos alunos investigados tenha escolhido a pedagogia prioritariamente, uma porção considerável não queria o curso no primeiro momento, o que revela um problema de identidade histórico e que coloca a área como opção restante, um "plano b", mas que, no processo tem se transformado em plano “a” .

**Figura 9- Discriminação da escolha das disciplinas sugeridas no fluxograma do curso**

Atualmente, você está cursando disciplinas (121 responses)



Conforme pode ser observado no fluxograma em anexo, a atual currículo do curso não exige pré-requisitos. Embora isto possa ocasionar problemas pontuais em algumas disciplinas, o que os dados sugerem é que o corpo discente possui certa flexibilidade ao construir seu fluxo acadêmico. O fato de a maioria estar cursando disciplinas sugeridas para o próprio período, mas também estarem cursando outras fora do período indica a possibilidade de se ajustar o tempo de integralização do curso às necessidades mais específicas de cada aluno.

**Figura10- Discriminação da escolha dos turnos originais de ingresso**

Em relação aos turnos das disciplinas que você tem cursado: (121 responses)

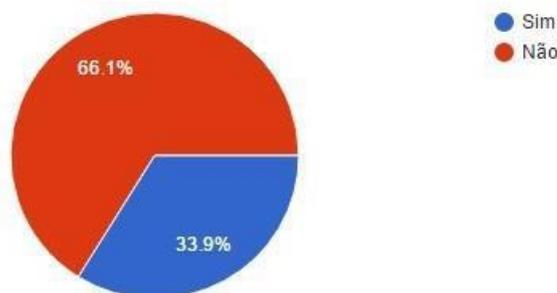


Os dados indicam que a existência dos três turnos não é estanque, havendo um percentual expressivo de alunos que circula pelos diferentes turnos. Tal possibilidade utilizada de modo majoritário pelo corpo discente, indica que a existência do turno noturno, implantando apenas em 2006 e planejado para ser integralizado em cinco anos poderá ser integralizado em um período menor, devido à integração dos turnos. Também indica que o público alvo deste curso, formado majoritariamente por alunos trabalhadores, também terá oportunidade de integralizar o curso com maior flexibilidade de horários. Dados revelados nas questões abertas, também indicam que a socialização destes alunos com esta possibilidade de circulação entre os turnos tem ocorrido. Também foram apontados como aspectos positivos do currículo a existência de três turnos e a possibilidade de flexibilidade entre os mesmos.

**Figura11- Discriminação dos discentes investigados que ingressaram pelo sistema de cotas**

### O seu ingresso no curso de Pedagogia da UFRJ foi pelo sistema de cotas?

(121 responses)



O sistema de cotas adotado pela UFRJ, após muitas discussões internas, está se revelando muito produtivo na constatação de que a maioria dos alunos investigados teve o seu ingresso por esta forma. No entanto, considerando o perfil destes discentes torna-se cada vez mais necessária uma política não apenas de acesso, mas, sobretudo, de permanência destes alunos pelo simples fato de que a atual escola básica pública brasileira atualmente está atendendo a um público-alvo proveniente de estratos com menor poder aquisitivo.

Após a explicitação do perfil do corpo discente investigado iremos analisar como este aluno médio “abstrato”, majoritariamente do sexo feminino, branco, solteiro, com idade entre 20 e 25 anos, que cursou a escola pública, está circulando pelos diferentes turnos; cursa as disciplinas no período sugerido e ingressou por cotas está percebendo o currículo. Se a análise, a seguir, considerasse este aluno abstrato, seria mais simples de ser realizada. No entanto, este aluno médio é uma abstração. Temos um corpo discente com um perfil complexo, em que o coletivo discente pode possuir vários aspectos identitários comuns, e o mais destacado de todos é o da identidade profissional: todos buscam se formar como licenciados em pedagogia. No entanto, por exemplo, fazendo um contraponto à media temos: homens, negros, casados, com mais de 50 anos, provenientes de escolas particulares e que não entraram por cotas. O que pensam estes alunos em sua singularidade? Esta questão não poderá ser respondida desta forma. Deste modo, a análise a seguir será realizada considerando os cento e vinte e um respondentes como um coletivo abstrato, sem que tenhamos condições, no momento, de refinar mais os dados obtidos no perfil discente.

## 2.2 - Os problemas do currículo percebidos pelo corpo discente

Para a identificação dos problemas, aspectos positivos do currículo e sugestões para a melhoria dos mesmos percebidos pelo corpo discente no currículo do curso de pedagogia foram elaboradas três questões abertas, por motivo já justificado. Para a análise das duas primeiras questões abertas foi escolhida a técnica de Análise de Conteúdo. (BARDIN, 1977).

Assim, todas as respostas abertas dos cento e vinte e um respondentes estão em anexo para consulta, caso necessário. Estas respostas foram objeto do que Bardin (op. cit.) denomina de leitura flutuante, para que pudessem ser, a partir desta leitura, criadas as categorias e serem quantificados quantos registros surgiram em cada categoria. Deste modo, diferentemente da análise das questões fechadas, que já tinham suas categorias prévias, nesta forma de análise agora adotada, as categorias foram criadas a posteriori.

Depois de digitadas as respostas e de as mesmas terem sido objeto de leitura flutuante, foram sendo identificados quantos problemas cada aluno percebia. Vale destacar que um aluno não percebeu nenhum problema enfatizando que “*o curso é ótimo. Sem problemas*” e dois não responderam, mas estes dados não foram considerados. Neste sentido o total não seria mais cento e vinte e um (número de respondentes), mas o quantitativo dos problemas efetivamente identificados, considerando que cada respondente poderia listar nenhum ou mais do que um problema. A seguir, os problemas identificados foram agrupados em categorias. Para uma maior discriminação de cada categoria foram criadas subcategorias e extraídos exemplos de falas representativas de cada uma delas.

Deste modo, em relação à questão **quais são os problemas do currículo do curso de pedagogia?** julgamos que uma visualização em uma tabela daria uma síntese dos mesmos. Assim foram identificados sete categorias de problemas: (1) estágio; (2) a grade curricular; (3) a identidade do curso; (4) a relação teoria/prática; (5) a falta de articulação com o perfil do trabalhador; (6) conteúdo; (7) avaliação que serão discriminados na tabela a seguir

**TABELA Nº I**  
**OS PROBLEMAS DO CURRÍCULO NA PERCEPÇÃO DISCENTE**

QUAIS SÃO OS PROBLEMAS DO CURRÍCULO?	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA	
			Nº	%
O CURRÍCULO FOI PROBLEMATIZADO EM RELAÇÃO	<b>1-AO ESTÁGIO</b>	1-carga horária excessiva 2-número alto de estágios (cinco estágios) 3-estágios pouco práticos, em que o aluno apenas observa. 4-dificuldade de conciliar o turno noturno com estágios que não podem ser realizados neste horário 5-falta de estágio em educação especial 6-burocracia nos estágios	39	25.00%
	<b>2- A GRADE CURRICULAR</b>	1-.excesso de disciplinas 2-poucas disciplinas eletivas 3-disciplinas que se repetem em seus conteúdos e textos	36	23.08%
	<b>3- A IDENTIDADE DO CURSO</b>	1-Muito voltado para a escola, não contemplando outros espaços de atuação. 2-pouco preocupado com a formação da cidadania. 3-muito centrado em uma perspectiva política “de esquerda”	23	14.75
	<b>4- A RELAÇÃO TEORIA/PRÁTICA</b>	1- disciplinas apenas teóricas 2-falta de relação entre teoria/prática 3-necessidade de revisitar a teoria quando se confrontam com a prática	23	14.75

	<b>5- AO CONTEÚDO</b>	1-.defasado 2-.excessivo 3-.sem aprofundamento .4-repetido 5-não construído didaticamente pelo professor	17	10.89
	<b>6- A FALTA DE ADEQUAÇÃO AO PERFIL DO TRABALHADOR</b>	1- não atendimento ao aluno trabalhador 2-discriminação ao aluno trabalhador	15	09.61
	<b>7-AS AVALIAÇÕES</b>	1-centradas em provas e coercitivas 2- formativas, mas sem rigor	03	1.92
		<b>TOTAL</b>	156	100%

Como evidência dos problemas relativos ao estágio, exemplificando as subcategorias explicitadas na tabela, temos as seguintes falas:

1-Carga horária de estágios muito longa dificultando o processo de formação daqueles que precisam trabalhar durante o curso

2- A quantidade de estágios obrigatórios. Na verdade, a carga horária desses estágios somada às atividades acadêmicas e culturais obrigatórias complicam muito a vida de quem trabalha 8h por dia. Acredito que o fato de o currículo atual de pedagogia abranger capacitações, acaba deixando muito a desejar, já que acaba não dando enfoque nelas de maneira mais aprofundada, passando pelos temas apenas de forma superficial.

3-Não entendo como os estágios podem ser ditos como prática quando na verdade são observatórios

4- A dificuldade que os alunos do turno da noite, que trabalham encontram em realizar os estágios obrigatórios, pela falta de tempo durante o dia.

5- Não temos estágio em educação especial também, que seria algo que já deveria fazer parte do nosso currículo, pois na formação normal já se tem.

6- Pouco preparo e uma enorme burocracia para as práticas de estágio, o que causa um grande desconforto todo início de período. A impressão que tenho é que a Faculdade de Educação preza somente pela contagem das horas, pouco se importando com a vivência do estágio em si.

A segunda categoria de problemas foi relacionada à grade curricular. Foram identificadas três subcategorias, explicitadas na tabela e exemplificadas a seguir:

1- *Grade com inchaço de disciplinas a qual fazem o curso ser considerado como um dos mais extensos na área de pedagogia. Muitas disciplinas e muitos períodos, o que sobrecarrega os alunos.*

2- *Falta de eletivas que tem relação com a minha área (informática). Pouca variedade em matérias optativas.*

3- *Em diversas ocasiões, lemos os mesmos autores e até os mesmos textos explorando mesmas ideias, apenas mudando a aproximação para com a disciplina estudada. Isso me incomoda, entretanto, não saberia responder se é aceitável entre os professores enquanto prática preferida.*

*Um número grande de disciplinas com conteúdos muito parecidos.*

A terceira categoria de problemas, relativa à identidade do curso está no mesmo nível de indicação que a quarta, relativa às questões de relação da teoria com a prática. Na análise da identidade do curso o que chamou a atenção foi a grande ênfase na conotação das respostas, em que eram usados termos como “maior”, “somente”, sugerindo um perfil de pedagogo que não fosse centrado na docência e sim tendo uma formação que o permitisse também exercer suas atribuições em outros espaços. Assim, como exemplos de relatos temos:

1- *Acredito que o maior problema do currículo de Pedagogia é o fato de ele estar centralizado na formação docente, não contemplando amplamente a formação para o Pedagogo em outros espaços para além da escola, (grifo meu)*

*Ele é centrado somente na docência, poderia ter mais disciplinas, incluindo obrigatórias que envolvem outros espaços que o pedagogo atua. A pedagogia tem uma pluralidade de atuações e apenas nos preparam para a vivência em sala de aula. Um problema, pois nem todos vão ser professores ali dentro. (grifo meu)*

Ainda na categoria Identidade do Curso, duas subcategorias chamaram a atenção pelo aspecto aparentemente contraditório entre ambas: uma enfatizando que o curso prepara pouco para o enfrentamento de questões políticas e outra afirmando o excesso deste preparo. Como exemplos de relato da pouca prática da cidadania, temos:

2- *não incita a prática da cidadania, por muitas vezes não relaciona o conteúdo teórico diretamente à situação política, social e ao estado da educação, parece ignorar, a existência da educação popular e seu possível uso como auxílio à formação de professores, proporcionando contato direto com a docência, assim como de retorno à sociedade, e o ideário presente no curso desconsidera a luta pela educação pública (na prática) e a atividade sindical, assim como a articulação com o próprio sepe, ou sua base, além de ter como prioridade a produção acadêmica, e não a prática educativa libertadora.*

Por outro lado, temos a seguinte posição, expressa no relato:

3- *Outra questão que me incomoda profundamente é o mesmo tom político estudado em diferentes disciplinas. As concepções de educação que estudamos situam-se muito mais na esquerda. Quando lemos sobre outras concepções (o que é raro) nos é fornecido textos que criticam as concepções. Não conhecemos, por exemplo, uma pedagogia liberal, uma pedagogia conservadora e nem sabemos se isso existe ou se existem outras coisas até (estou tentando dar exemplos). Sou a favor da pluralidade nas concepções. A*

*falta dela tende a formatar as identidades em moldes parecidos. Sobre a pluralidade em concepções, para mim seria ótimo um professor que conseguisse trazer diferentes concepções sem informar ou deixar evidente sua ideologia política. Tive pouquíssimas experiências nesse sentido, entretanto, todas que tive foram ótimas pois pude aprender muito mais do que somente com uma forma de educação de uma ideologia*

Se a questão política é motivo de depoimentos controversos, a questão da relação teoria/prática, expressa na quarta categoria, recebeu uma unanimidade nas respostas: o currículo é predominantemente teórico e não existe relação entre a teoria e a prática. Estas estão dicotomizadas, inclusive na creditação das disciplinas, mas quando se mergulha na prática, a partir do quinto período ficam carentes da teoria. Em suma: uma relação muito complexa. Como exemplos das três subcategorias temos:

*1-Muita teoria no início do curso.*

*Enxergo como problema a grande carga de teoria*

*2- Acredito que um dos maiores problemas vivenciados é a pouca oportunidade de por em prática os ensinamentos teóricos, mesmo com os estágios obrigatórios, pois há pouca atuação.*

*3-As disciplinas consideradas mais importantes só estão no primeiro período, e depois saímos da faculdade sem base (teórica) para a prática*

*Ao final do curso, nas disciplinas de prática nos sentimos pouco preparados.*

A quinta categoria é a relativa aos conteúdos trabalhados nas disciplinas. Encontramos cinco subcategorias que indicam que os mesmos estão defasados, excessivos, repetidos, sem aprofundamento e construídos no cotidiano da aula sem atender ao aluno. Como exemplos de relatos, temos:

*1-Foco em disciplinas didáticas com conteúdos voltados para teorias ultrapassadas*

*O curso não privilegia discussões que estão em pauta na nossa sociedade atualmente e que precisam ser discutidas na escola, como a homofobia, o feminismo e a existência de coletivos que lutam por uma sociedade mais igualitária*

*O primeiro está na falta de disciplinas ( conteúdos) que valorizem a parte diferenciada do currículo escolar. Ou seja, que trabalhem com a cultura, gênero, etnia, preocupações com o meio ambiente etc.*

*Nesse sentido, faltam conteúdos que abordem os temas transversais abordados no PCN. Outro problema é a falta de disciplinas que trabalhem com o lado manual do trabalho pedagógico ( interpretamos o relato como enfatizando conteúdos)*

*2-Considero o currículo instituído muito engessado em termos de conteúdo, mas ao mesmo tempo abrangendo conteúdos demais*

*3-um número grande de disciplinas com conteúdos muito parecidos.*

*.algumas disciplinas abordam o mesmo assunto, o que ao meu ver acaba minando possibilidade de um currículo mais diversificado*

*4- Vemos um pouco de cada espaço destinado a atuação do Pedagogo, entretanto, não aprofundamos o conhecimento.*

*Há um volume muito grande de informação, mas infelizmente todos corridos, o que impacta num conhecimento superficial*

*5-O tempo e a forma que os conteúdos são apresentados.*

*Falta de interesse dos professores em explicar os conteúdos de uma maneira em que cada educando entenda a disciplina proposta.*

A sexta categoria é relativa ao modo como o currículo, em suas práticas concretas cotidianas age em relação ao aluno trabalhador, quer seja não considerando sua realidade ou mesmo apresentando indícios de discriminação. Como exemplo de relato dessas duas subcategorias temos:

*1-Um currículo que não considera as peculiaridades dos alunos, sobretudo os trabalhadores.*

*Acredito que o currículo do curso de pedagogia precisa estar mais em consonância com a realidade daqueles que são parte integrante deste curso, os próprios alunos*

*2-Falta de assistência e sensibilidade aos alunos trabalhadores, burocraticamente e pedagogicamente falando. Currículo oculto - desmoralização política e acadêmica dos estudantes.*

Finalmente, a última categoria é aquela que identifica problemas na avaliação. De modo análogo às questões políticas, em que uns consideravam sua ausência e outros o seu excesso, a avaliação teve duas subcategorias polêmicas. A primeira expressa por respostas que indicavam um aspecto coercitivo e uma segunda colocando-a como muito fluida e sem rigor. Ambas apareceram com o mesma incidência. Como exemplo de relatos temos:

*1-Falta humanismo ..odeio esse currículo de coação por provas*

*2-Por entender o currículo como formador de identidade, me preocupo com critérios muito abertos, no que toca a avaliação, nas disciplinas. Sinto falta de certo rigor em muitas disciplinas*

Após análise dos problemas que o corpo discente percebe no currículo do curso, passaremos a explicar seus aspectos positivos.

### **2.3 - Os aspectos positivos do currículo percebidos pelo corpo discente**

Na categorização dos aspectos positivos do currículo do curso, considerando que a mesma está intimamente relacionado ao que os alunos percebem como problemas, optamos por apresentar apenas as categorias amplas sem as subcategorias,

exemplificando cada uma delas. Assim, observando a tabela a seguir, constatamos que foram criadas, a partir dos relatos, sete categorias.

**TABELA Nº II**

**ASPECTOS POSITIVOS DO CURRÍCULO NA PERCEPÇÃO DISCENTE**

	CATEGORIA	FREQUÊNCIA (nº)	PERCENTUAL (%)
Os aspectos positivos do currículo são	1-Grade disciplinar	39	24.6
	2- Conteúdo	36	22.8
	3-Professores	27	17.1
	4-Caráter crítico	22	13.9
	5-Identidade do curso	13	8.2
	6-Incentivo à Pesquisa e Extensão	12	7.7
	7-Estágio	09	5.7
	Total	158	100%

Pude identificar nas respostas do questionário, por exemplo, até quem não visse nenhum problema e dois respondentes não perceberam aspecto positivo. A análise irá considerar as ocorrências declaradas como sendo positivas. Deste modo foram identificados cento e cinquenta e oito aspectos positivos, agrupados por ordem de frequência.

Vale destacar que em cada uma dessas categorias o que foi mais destacado como positivo foi a relativa liberdade que o corpo discente tem para compor sua grade curricular, sem cadeia de pré-requisitos, flexibilidade de horários e turnos, opção de conteúdos diversificados nas eletivas. Em suma, tudo aquilo que no currículo permitia ao aluno uma liberdade de escolha, enfatizando o diálogo, foi visto como sendo muito

positivo. Os extratos das falas dos alunos para exemplificar cada uma destas categorias serão elucidativos. Assim, temos:

#### 1-Em relação à flexibilidade da grade:

*Para quem só estuda e não tem outros compromisso durante o dia, ter a possibilidade de transitar entre os três turnos. Não ter disciplinas com pré-requisitos. Um dos aspectos positivos é a flexibilidade , por não possuir requisitos o aluno tem total autonomia para montar sua grade.*

#### 2-Em relação ao conteúdo

*Um dos aspectos positivos é que o currículo perpassa por diversas áreas do conhecimento. Apesar de muitos questionamentos sobre o amplo leque de atuações que o currículo nos promove sem enfatizar uma determinada área, considero isso como um espaço de formação integral do pedagogo que precisa compreender a educação em suas diversas modalidades, etapas e formas.*

#### 3- Em relação aos professores

*A concepção de diálogo, que é dominante nas disciplinas do curso, com aluno-professor em sala de aula favorece um clima de respeito, de empatia e de construção de conhecimento para aqueles que sabem valorizar isso.*

*A didática dos professores é ótima e o nível das aulas é muito elevado. Os professores são muito capacitados e nos preparam quase completamente para a docência*

#### 4- Em relação ao aspecto crítico

*Um dos sucessos do curso é formar pedagogos preocupados com a aprendizagem de seus alunos e dispostos a dialogar com os conhecimentos deles e valorizá-los para ampliar ainda mais seus acervos culturais. Outra conquista do curso é reunir diversidade de alunos e buscar acolhê-los. Outra conquista é possibilitar a esses alunos oportunidades de pesquisa e formação que muitos nunca tiveram semelhantes oportunidades em suas vidas fora da academia.*

*Paradoxalmente, o seu maior problema é ao meu ver o seu aspecto mais positivo, já que a pouca ênfase dada à prática resulta em grande importância das disciplinas teóricas, com professores maravilhosos (quase todos), muitas leituras interessantes e espaço para debates, indagações e o desenvolvimento do famoso espírito crítico.*

#### 5 - Em relação à identidade do curso

*Por ser muito amplo, alunos interessados e curiosos têm possibilidades maiores de alcançar vôos em ideias que estão além do que é ensinado na faculdade. De qualquer forma, nosso currículo expande mentes por que oferece disciplinas em diversos campos científicos (só falta mais pluralidade de concepções e um maior rigor com avaliação).*

O maior aspecto positivo do currículo é o "apanhado" geral que ele oferece sobre a educação e os processos de ensino-aprendizagem

#### 6- Em relação ao Incentivo à Pesquisa e Extensão

*Em termos acadêmicos, envolvendo oportunidades de desenvolvimento de pedagogos pesquisadores, o currículo é excelente.*

*. O acesso aos grupos de pesquisa constituem uma parte importante na formação. O curso oferece opções que vão além das aulas tradicionais de graduação, como cursos de extensão, grupos de pesquisa e monitoria, o que nos forma com mais solidez e nos dá uma visão ampliada da docência*

Finalmente, a última categoria identificada nos aspectos positivos do currículo do curso foi, coerentemente, a mais problematizada: os estágios. Assim, embora apontando os enormes problemas que existem neste espaço de formação, foram apresentados aspectos positivos no mesmo, principalmente no sentido de ser um tempo/espaço articulador da teoria/prática. O relato abaixo é sucinto,

*Os estágios, ou seja, as aulas práticas.*

mas permite compreender como existe uma dicotomia entre a teoria e a prática sendo o estágio percebido como o tempo/espaço da prática. Este impasse não significa que a teoria é pouco importante, o que está enfatizado no relato a seguir:

*O arcabouço teórico, ao mesmo tempo em que é criticado por alguns por ser considerado excessivo e desnecessário para a formação pedagógica, parece ser o grande diferencial do currículo do curso em relação às outras instituições, pois oferece uma carga histórica e filosófica essenciais para compreensão de diversos fenômenos educativos sistemáticos ou não.*

O fato de o Estágio ser o aspecto mais problematizado do currículo e ao mesmo tempo ser percebido como positivo pode nos fazer levantar a hipótese de que o grande problema do currículo é o fato de o mesmo ainda não estar estruturado, funcionando e sendo avaliado no sentido de compreensão de que o Curso de Pedagogia está formando educadores e a Educação é uma prática constante que necessita, em cada um de seus momentos de ações que devem estar fundamentadas teoricamente. Conseguir este diálogo é o grande desafio do currículo e isto está explicitado nas sugestões para a melhoria do mesmo apresentadas a seguir.

## 2.4 - As sugestões para a melhoria do currículo

Neste aspecto o que chamou a atenção foi um número maior de alunos, em relação às demais questões, que não opinou ou declarou não ter condições de opinar. Considerando os que opinaram houve maior incidência de respostas que sugeriam inclusões e exclusões de disciplinas; aumento ou diminuição de cargas horárias, alteração nos conteúdos das ementas e respostas deste gênero que podem indicar muito sobre a concepção do corpo discente sobre currículo, que em grande parte liga-se ao senso comum, enxergando-o como um amontado de disciplinas dispostas a serem incluídas ou retiradas. Em relação a essa inclusão, muitos alunos sugerem disciplinas com as quais se identificam e que creem que poderiam ser estendidas a toda a comunidade acadêmica. Contudo, identifiquei respostas que apelavam também para um caráter formador de criticidade e reflexão para além dos muros da escola.

No entanto, o que ficou de mais incisivo em uma compreensão maior da mensagem implícita nestes relatos foi a necessidade, por vias que não ficaram explicitadas, de se articular a teoria com a prática. Isto foi colocado de um modo muito sucinto como no relato abaixo:

*Poderia ser mais equilibrada a distribuição entre as disciplinas teóricas e práticas desde os primeiros semestres.*

Contudo, identifiquei respostas que apelavam também para um caráter formador de criticidade e reflexão para além dos muros da escola como a abaixo:

Admitir o caráter necessariamente político da educação, e abraçá-lo, indicando questões indispensáveis ao debate, não necessariamente através de sua inclusão no currículo, mas possivelmente pela formação continuada do corpo docente em cursos sobre direitos humanos, políticas educacionais e história política, para que relacionassem o conteúdo curricular à realidade de sucateamento da educação. Ou que se abra espaço na grade (e não é por acaso que uso este termo) para que as pessoas no curso desenvolvessem atividades por si mesmas e não tivessem que competir com as aulas em relação à adesão".

Assim, com base nas sugestões podemos perceber que, além de enfatizar a necessidade de reformas nos aspectos informativos do currículo há, no corpo discente, uma preocupação legítima com questão de o conhecimento escolar ter um aspecto formativo tanto das diferentes identidades dos alunos que passam por este curso, quanto à formação da subjetividade singular de cada um, o que será mais explicitado no item a seguir.

## 2.5 - As concepções de currículo do corpo discente

Após termos analisado como o corpo discente investigado percebia os problemas do currículo do curso de pedagogia, seus aspectos positivos e as sugestões para a melhoria do mesmo, acreditamos ter elementos para realizar uma reflexão sobre como estes discentes estão percebendo o que pode significar currículo em suas diversas acepções.

Fazendo uma sumária análise comparativa da percepção discente com a percepção da coordenadora do curso, podemos ter subsídios para uma compreensão mais acurada. Assim, com base em entrevista on-line realizada com a professora que estava exercendo a coordenação do curso no semestre em que os dados foram coletados encontramos evidências que corroboram a percepção discente em muitos aspectos, sendo dois os principais: a questão dos Estágios e a da Identidade do Curso.

Assim a coordenadora, após enfatizar que estava falando tendo como base o resultado de um trabalho coletivo, na medida em que declarou:

*As respostas estão baseadas no relatório da Comissão de Avaliação do Currículo (CACCP 2012-2014) e nas atividades da Comissão de Reajuste do Currículo da Pedagogia, que foi instituída no segundo semestre de 2015 com o objetivo de propor um reajuste ou reforma do curso.*

nos deu subsídios para constatar que o principal problema do currículo, apontado pelo corpo discente com um percentual expressivo, também aparece com destaque em seu relato. Assim, nas palavras da coordenadora, ao ser indagada sobre os problemas, temos:

*Estágio: sua função e a forma como se integra na estrutura curricular. Atualmente: muitas horas e pouco resultado. Peso da burocratização. Há uma perda do próprio sentido do estágio;*

De modo análogo ao corpo discente que percebeu a identidade do curso como a terceira categoria de problemas identificada, o relato da coordenadora também corrobora este aspecto na medida em que declara:

*Perfil de saída do docente-pedagogo. Qual pedagogo pretendemos formar? Precisamos ter muito clara essa definição, algo que não ocorre de forma coesa no currículo atual;*

O problema indicado pelo corpo discente como sendo a falta de relação entre a teoria e a prática, que aparece como categoria quatro, mas que pode ter um peso maior na medida em que está implícito no problema do estágio, também está indicado no relato da coordenação. Assim temos:

*Dificuldade de significar a interface cultura escolar - cultura científica no âmbito da cultura profissional. Essa dificuldade se expressa de diferentes maneiras: persistência em operar com a dicotomia entre saberes teóricos (disciplinas de fundamentos) e os saberes práticos;*

O segundo problema mais indicado pelo corpo discente é o relativo à grade curricular do curso em que temos relatos que indicam uma discussão acalorada sobre as disciplinas que devem entrar; as que devem sair; as obrigatórias que deveriam ser eletivas e vice-versa; como ficaria a carga horária; os requisitos e todos os elementos que devem ser contemplados em uma concepção de currículo que o entende como grade curricular. Muito atenta à complexidade desta questão que envolve a subjetividade de cada professor e discente, na medida em que cada um dos componentes deste segmentos pode idealizar um currículo “certo” a partir de seus olhares, a coordenadora declarou:

*A formação e sensibilização dos docentes do curso de Pedagogia para lidar com essas demandas e propostas de mudanças;*

Um aspecto a ser refletido é o relativo ao fato de o corpo discente, notadamente aquele formado por alunos-trabalhadores, ter colocado o problema de o currículo não atender às suas especificidades singulares. Esta dado foi reforçado no depoimento da coordenação, não pelo relato explícito, mas pela sua ausência. Em suma, o atendimento ao aluno trabalhador, que caracteriza um perfil atual para o curso, não foi apontado como problema na entrevista analisada.

Fazendo agora um contraponto entre o que é percebido como positivo pelo corpo discente e pela coordenação, encontramos uma grande concordância. Assim, as três categorias mais positivas do currículo que são: (1) a sua própria grade, que permite uma abrangência das questões educacionais em seus diversos aspectos; (2) os conteúdos que têm base teórica sólida e (3) professores qualificados, também estiveram presentes no relato da coordenação, como a seguir:

*A abrangência dos objetivos das disciplinas e intenções dos docentes em relação ao trabalho que desenvolvem junto aos alunos evidenciou uma prática curricular contextualizada e articulada às questões educacionais mais amplas e às práticas pedagógicas do cotidiano escolar.*

A identidade do curso, seu caráter crítico, abordando discussões contemporâneas e o incentivo à pesquisa que foram apontados pelo corpo discente como sendo aspectos positivos também foram contemplados com o seguinte relato:

*Formação para a pesquisa. Esse é um diferencial do curso, principalmente se comparado com cursos de instituições privadas; Temas contemporâneos da educação já estão no currículo (mesmo que em forma de disciplinas eletivas)*

Finalmente, mesmo com todos os problemas o estágio foi visto como aspecto positivo. O diferencial entre as duas posições (discente e a da coordenação) é que na primeira o estágio foi apontado como positivo, mas com muitas ressalvas, estando como última categoria em percentual. No caso da coordenação foi citado como o aspecto mais positivo em primeiro lugar no seu depoimento. Em suas palavras:

*Estágio: mesmo com problemas, é algo positivo no currículo da FE/UFRJ a importância dada aos estágios;*

As sugestões para a melhoria do currículo também têm muito em comum. Assim, tanto no relato discente quanto no da coordenação há uma preocupação de se articular a teoria com a prática. A diferença é que, como a coordenação já possui elementos trabalhados em grupo que vem discutindo profundamente este tema há mais tempo, suas sugestões podem ser mais pontuais e menos genéricas que as discentes. Assim temos, como síntese, o relato a seguir:

*Elementos que gostaríamos de incluir no novo desenho curricular:*

*Operarmos com a ideia de percurso e imersões, paradas obrigatórias;*

*A presença ou o contato da escola ao longo do processo;*

*Incorporar no início do percurso a possibilidade de conhecer os diferentes campos de atuação potenciais do profissional docente/pedagogo;*

*Pluralidade de experiências formativas ao longo do percurso: existência de seminários, oficinas, laboratórios, além das atividades de extensão relacionadas ao perfil de pedagogo que pretendemos formar;*

*Maior flexibilidade para o estudante traçar o seu percurso formativo;*

*Maior articulação entre os docentes e as disciplinas;*

*Aprofundar determinados conhecimentos e saberes fundamentais para a prática docente;*

*Ampliar o contato/parceria com a escola para além do estágio supervisionado. Essa ampliação pressupõe o reconhecimento da criação de uma rede de formação que envolve os sujeitos envolvidos na universidade e na educação básica (por exemplo: secretarias de educação municipal e estadual).*

Agora, após este percurso, em que tentamos realizar uma triangulação com os dados obtidos nos questionários, na entrevista e na análise documental da ementa e do fluxograma do currículo do atual currículo do curso de pedagogia podemos tentar responder ao problema desta investigação e que era: quais as concepções de currículo do corpo discente investigado de FE/UFRJ?

Diferentes concepções de currículo apareceram ao longo dessa pesquisa. À medida que ia colhendo cada questionário, vi desde ideias relacionadas ao conhecimento de senso comum – onde currículo seria um conjunto de disciplinas de um curso a serem movimentadas - à premissa de que o currículo é formador de identidades e que se relaciona com a subjetividade singular de cada aluno em seu processo formativo, o que ficou muito claro nos depoimentos dos alunos/trabalhadores.

Analisando esse quadro, percebi então que a concepção de currículo do corpo discente do curso de Pedagogia da UFRJ já poderia ser analisada desde o momento em que as primeiras reuniões para o debate do currículo do curso aconteceram. Concluí que nem todos os alunos, especialmente os de períodos mais avançados, tomaram a construção do currículo como sua responsabilidade, delegando essa tarefa sempre a seus pares. Nesse caso, não se enxerga o currículo do curso de Pedagogia como uma questão também subjetiva, que se transformará no bojo de questões pessoais e de convicções políticas individuais. Quando algo é de responsabilidade de todos, ninguém toma para si próprio essa dimensão. Dessa forma, diversos alunos não foram cativados por esse currículo, justamente por este exigir intensa e longeva responsabilidade do grupo.

#### **Capítulo IV- Considerações finais**

Quero ressaltar que realizar esse trabalho foi um grande desafio, pois o campo do currículo, além de ser amplo, é objeto de disputas políticas e centro de discussões em qualquer lugar, pois todos se sentem preparados para opinar e o fazem com toda a segurança, considerando que os agentes da discussão, mesmo não tendo realizado um estudo sistemático sobre o saber curricular, possuem do mesmo um conhecimento em nível de senso-comum por terem vivenciado currículos em sua trajetória formativa.

No meio acadêmico, essa discussão é ainda mais latente. Muitos ainda não possuem uma visão mais ampliada e científica do tema, contudo exercem tal prerrogativa na primeira oportunidade. Logicamente, não existe uma única visão sobre currículo que é mais correta que a outra; elas coexistem, e tal conceito também pode abranger a estruturação de grades disciplinares se alinhado a uma visão crítica e formadora. A questão é que, em uma faculdade de educação, é imprescindível que esse tema seja esmiuçado e discutido incessantemente, para que todos se sintam responsáveis e cativados por esse objeto, fazendo com que o conceito se exponha em sua complexidade epistemológica e política.

Foi fundamental traçar o perfil do corpo discente para a realização dessa monografia, pois este, junto ao grupo de professores, é o corpo vivo do curso de pedagogia e vivencia de modo singular e concreto cada prática educativa, cada visão política e cada ementa. Em suma, mesmo sendo o conhecimento escolar planejado como um fluxo a ser vivido por todos, este conhecimento “bate” na pele da cada um de modo específico. Saber que se faz parte de um grupo formado por considerável número de trabalhadores é compreender que os anseios relacionados a estágios, grades horárias e inclusão ou exclusão de disciplinas fazem sentido e incidem diretamente na vida funcional de cada um. Também foi importante explicitar que, apesar de estudantes investigados terem uma tendência a pensar tradicionalmente o currículo, outras concepções, como a crítica e a pós-crítica também estiveram presentes em parte das respostas, mostrando um movimento de transformação e a fluidez desse conceito.

Também foi gratificante observar que discentes apresentam relatos explícitos em que colocam que o conhecimento escolar não está formando apenas suas identidades profissionais, de gênero e étnico-raciais, mas que suas singularidades devem ser consideradas. Isto ficou indicado no modo como todas as ações do currículo que levavam a uma maior autonomia do sujeito eram vistas como positivas. Isto apareceu

em relatos que valorizavam desde as mais simples possibilidades de escolhas como por exemplo a de horários, eletivas e ausência de requisitos, quanto na ênfase que colocavam no caráter engessado do currículo que não permitia uma maior opção em relação ao trabalho que iriam exercer futuramente como pedagogo, o que ficou evidenciado na discussão entre ser: professor, gestor, pesquisador e ter acesso a trabalhos em instâncias fora do espaço escolar, como hospitais e empresas.

É interessante observarmos como nossas certezas dissolvem-se ao longo do tempo. Esse trabalho foi objeto de transformação tanto para mim, como pessoa, quanto como pedagoga em aprendizagem contínua. Além disso, pôde explicitar que as várias concepções que nos cercam não estão necessariamente erradas ou são retrógradas, mas permeiam o imaginário social em um determinado tempo histórico. Dessa forma, a educação se dispõe a ser uma ciência com nuances, permitindo olhares distintos sobre o mundo. E quanto mais soubermos “olhar” o objeto currículo, com diferentes “olhares” mais sentiremos o peso que o mesmo exerce em nossa formação singular. Isto não é cativante?

## Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. **Currículo e Poder**. Educação e Realidade, 14(2) 1989, p. 46-57.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CANEN. A. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. Cadernos de Pesquisa nº 11, p, 135-150. 2000.

CANEN. A. & MOREIRA A.F. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In; \_\_\_\_\_(orgs). **Ênfases e omissões no currículo**. São Paulo: Papirus, 2001, p. 15-43.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CUNHA, Regina Céli O. **Roubando um conceito de currículo**. Rio de Janeiro: II Colóquio Luso-Brasileiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Uma Análise de Conteúdo sobre a obra de Ralph Tyler**: implicações na Política de Reorientação Curricular de Escolas de Nível Médio do Estado do Rio de Janeiro. VII Colóquio sobre Questões Curriculares-III Colóquio Luso-Brasileiro sobre questões curriculares -Portugal- Braga- Universidade do Minho - fevereiro de 2006.

\_\_\_\_\_. **O Discurso Curricular do Senso Comum**. Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 a.

\_\_\_\_\_. **Desconstruindo o Discurso Curricular do Senso Comum** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 b.

\_\_\_\_\_ **O Discurso Curricular do Senso Comum Reconstruído** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 c. \_\_\_\_\_ **A complexidade epistemológica e política do discurso curricular no estilo “Era uma Vez”** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 d

\_\_\_\_\_ **O discurso teórico até o “fim” da modernidade: decodificando a estória sobre a complexidade epistemológica e política no estilo “Era uma Vez”** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 e.

\_\_\_\_\_ **O discurso teórico da modernidade contemporânea, século XVIII, até a Escola de Frankfurt, século XX. Continuando a decodificar a estória sobre a complexidade epistemológica e política do conceito de currículo no estilo “Era uma Vez”.** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 f.

\_\_\_\_\_ **O discurso teórico moderno da Escola de Frankfurt, século XX, até a Pós-modernidade. Continuando a decodificar a estória sobre a complexidade epistemológica e política do conceito de currículo no estilo “Era uma Vez”.** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 g.

\_\_\_\_\_ **Relatos de uma Morte Anunciada.** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 h.

\_\_\_\_\_ **Os Discursos Curriculares Modernos. Relato dois: o labirinto e a história.”** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 i.

\_\_\_\_\_ **Currículo: uma questão de poderes, saberes, identidades e subjetividade** Rio de Janeiro: UFRJ, texto não publicado, acessível em [cunhafm@terra.com.br](mailto:cunhafm@terra.com.br). 2016 j.

\_\_\_\_\_ **O processo de construção de um livro didático para a disciplina Currículo.** XII Colóquio sobre questões curriculares. VII Colóquio luso-brasileiro de

Currículo. II Colóquio luso-afro-brasileiro de questões curriculares. Recife: UFPE; 2016 k.

IVENICKI, Ana & CANEN, Alberto. **Metodologia da Pesquisa:** rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

MOREIRA, A.F.& CUNHA Regina Céli. O Identidades em construção: o processo de uma escola de ensino fundamental do Rio de Janeiro. In: MOITA Lopes e BASTOS L. C (orgs). **Estudos de Identidade:** entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 259-289.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa & CUNHA, Regina Céli O. **A discussão da Identidade na Formação Docente-** Revista Contemporânea de Educação. Publicação Online do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ, ISSN 1809-5747, Jan, jun. 2008, nº 5.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículos e Programas no Brasil.** Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Campo do Currículo no Brasil: os anos noventa:** Rio de Janeiro/Currículo sem fronteiras, v. 1, n.1, pp.35-49,jan/jun,2001.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno e Gómez, A. I. Perez. **O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? Compreender e Transformar o Ensino.** Porto Alegre: Arned, 2000, p.119-148.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. In: **Um Discurso sobre as Ciências.** 8. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1996, p. 55-58.

SAVIANI, DERMEVAL. Escola e Democracia, São Paulo: Cortez Autores Associados, 1983.

8SILVA, T. T. – **Documentos de Identidade**. Uma introdução às teorias do currículo – Belo Horizonte, Edit. Autêntica, 2003.

TYLER, Ralph. **Princípios Básicos de Currículo e Ensino**. Porto Alegre: Globo, 1974.

## **LISTA DE APÊNDICES**

### **Apêndice 1- Modelo do questionário aplicado aos alunos investigados**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Faculdade de Educação - Curso de Pedagogia**

Prezado colega, você está convidado a participar como voluntário em uma pesquisa do curso de Pedagogia, realizada por mim, Raiane Mendes Santos, e orientada pela professora Dr<sup>a</sup>. Regina Céli Oliveira da Cunha. Tal pesquisa tem como objetivo investigar como o corpo discente do curso de Pedagogia da UFRJ, inscrito em disciplinas obrigatórias no período de 2016.2, percebe o currículo do curso. O presente questionário é fundamental para a coleta inicial dos dados, que serão posteriormente aprofundados em entrevistas. A sua participação está prevista para o mês de outubro de 2016. Agradeço a sua participação, que é imprescindível para a pesquisa.

#### **1-Sexo:**

- Feminino
- Masculino

#### **2-Idade:**

- 16 a 20 anos
- 21 a 25 anos
- 26 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- Acima de 50 anos

#### **3-Como você se autodeclara?**

- Amarelo
- Branco
- Indígena
- Pardo
- Preto
- Outro

#### **4-Estado civil:**

- Solteiro (a) ( )  
Casado (a) ( )  
União estável ( )  
Viúvo (a) ( )

**5- Onde realizou sua educação básica?**

- ( ) Somente em escolas públicas  
( ) Somente em escolas privadas  
( ) A maior parte em escolas públicas, incluindo privadas  
( ) A maior parte em escolas privadas, incluindo públicas

**6- Sua formação no Ensino Médio foi:**

- ( ) Regular  
( ) Na Modalidade Normal  
( ) Na modalidade Técnico/Profissionalizante  
( ) Na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

**7- Caso o curso de Pedagogia não tenha sido a sua primeira opção, qual seria?**

- ( ) Áreas sociais, humanas e artísticas  
( ) Saúde  
( ) Exatas  
( ) Ciências Naturais  
( ) Outros

**8- O curso de Pedagogia na UFRJ:**

- ( ) Foi a minha primeira opção  
( ) Não foi a minha primeira opção

**9- Atualmente você está cursando disciplinas:**

- ( ) Indicadas para o período em que estou  
( ) Indicadas para o período em que estou, com algumas fora do período  
( ) Em períodos variados

**10- Em relação aos turnos das disciplinas que você tem cursado:**

- ( ) Curso disciplinas somente no turno em que ingressei  
( ) Curso disciplinas somente em um turno, diferente do qual ingressei  
( ) Curso disciplinas predominantemente no turno em que ingressei, mas também faço disciplinas em outro turno  
( ) Curso disciplinas nos três turnos

**11- O seu ingresso no curso de Pedagogia da UFRJ foi pelo sistema de cotas?**

- ( ) Sim  
( ) Não

**12-Quais são os problemas do currículo do curso de Pedagogia que você vivencia?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**13-Para você, quais são os aspectos positivos do currículo do curso de Pedagogia da UFRJ?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**14-Que sugestões você daria para que esse currículo atendesse melhor às suas expectativas?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

#### **Apêndice 2-Roteiro da entrevista realizada com a Coordenadora do Curso**

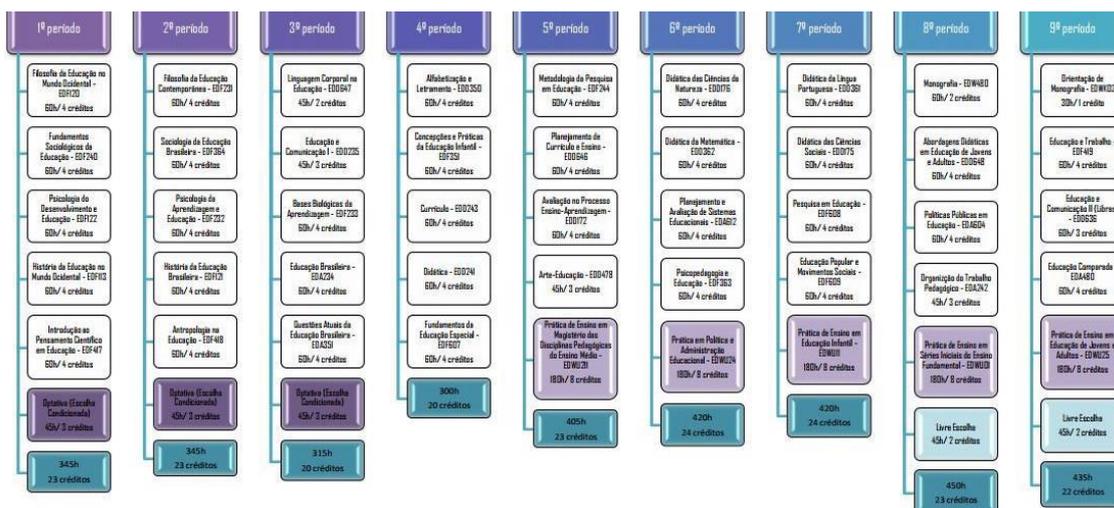
1-Quais são os problemas do currículo do Curso de Pedagogia?

2-Quais são os aspectos positivos do currículo do Curso de Pedagogia?

3-Que sugestões daria para a reformulação do atual currículo?

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Fluxograma do atual currículo do curso de Pedagogia



## Anexo 2- Ementa da disciplina Currículo vigente no Curso de Pedagogia

<b>UFRJ</b> SR-1 CEG	<b>FORMULÁRIO CEG / 03 - D</b> Registro de Disciplina	CENTRO: CFCH UNIDADE: Faculdade de Educação DEPARTAMENTO: Didática-EDD	Folha nº
1. CENTRO / UNIDADE / DEPARTAMENTO : 33040700		2. ANO E PERÍODO DA OPERAÇÃO : 2007 / 1	
3. CÓDIGO DA DISCIPLINA : EDD 243		4. NOME : Currículo	
5. CARGA HORÁRIA POR PERÍODO : 60 teórica 0 prática		6. CRÉDITOS : 4	
7. REQUISITOS : Não há.			
8. CARACTERÍSTICAS DAS AULAS PRÁTICAS: Não há.			
9. CURSOS/ HABILITAÇÕES PARA OS QUAIS É OFERECIDA : Magistério da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio, Política e Administração Educacional e Educação de Jovens e Adultos.			
10. CÓDIGO DA OPERAÇÃO		3 - Alteração de código	6 - Alteração de requisitos
1 - Implantação de disciplina ou RCS	4 - Alteração de ementa	7 - Acerto de dados incorretos	9 - Desativação
2 - Alteração de carga horária	5 - Alteração de nome	8 - Exclusão	10 - Ativação
11. ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DA DISCIPLINA : código antigo =		código novo =	
12. EMENTA (máximo de 500 caracteres) História do pensamento curricular: concepções tradicionais, críticas e pós-críticas. Discussão e análise das principais questões relativas à seleção, organização e distribuição do conhecimento escolar. Políticas de currículo.			
13. BIBLIOGRAFIA BÁSICA ALVES, Nilda. <i>O sentido da escola</i> . Rio de Janeiro, DP&A, 1999. LOPES, Alice Casimiro, MACEDO, Elizabeth (Org.). <i>Currículo: debates contemporâneos</i> . São Paulo, Cortez, 2002. MOREIRA, Antonio Flavio. <i>Currículo: questões atuais</i> . Campinas, Papirus, 1999. MOREIRA, Antonio Flavio. <i>Currículos e programas no Brasil</i> . Campinas, Papirus, 1990. SILVA, Tomaz Tadeu da. <i>Documentos de identidade</i> . Belo Horizonte, Autêntica, 1999.			

### Anexo 3: Entrevista realizada com a Coordenadora do Curso

As respostas estão baseadas no relatório da Comissão de Avaliação do Currículo (CACCP 2012-2014) e nas atividades da Comissão de Reajuste do Currículo da Pedagogia, que foi instituída no segundo semestre de 2015 com o objetivo de propor um reajuste ou reforma do curso.

#### 1 - Quais são os problemas do currículo do curso de Pedagogia da UFRJ?

Já identificamos algumas tensões e desafios. São eles:

Perfil de saída do docente-pedagogo. Qual pedagogo pretendemos formar? Precisamos ter muito clara essa definição, algo que não ocorre de forma coesa no currículo atual;

O lugar da gestão no percurso formativo. A gestão não aparece interligada com outros aspectos da formação do pedagogo;

Confusão entre os termos: nível de ensino, habilitações, ênfases, modalidades, campos de atuação. (EJA, Educação Especial, Educação do campo, quilombolas). Hoje o currículo de Pedagogia está estruturado em cinco ênfases: Educação infantil; Séries iniciais (primeiro segmento do ensino fundamental; EJA; gestão e normal);

Estágio: sua função e a forma como se integra na estrutura curricular. Atualmente: muitas horas e pouco resultado. Peso da burocratização. Há uma perda do próprio sentido do estágio;

Dificuldade de significar a interface cultura escolar - cultura científica no âmbito da cultura profissional. Essa dificuldade se expressa de diferentes maneiras: persistência em operar com a dicotomia entre saberes teóricos (disciplinas de fundamentos) e os saberes práticos;

Buscar estratégias que possam de integrar de forma mais articulada na estrutura curricular as demandas de democratização formuladas no seio dos movimentos sociais;

A formação e sensibilização dos docentes do curso de Pedagogia para lidar com essas demandas e propostas de mudanças;

Ausência de discussão sobre a pedagogia e o Pedagogo, o campo da educação e teorias pedagógicas/como campo de conhecimento.

2 - Quais são os aspectos positivos desse currículo?

Estágio: mesmo com problemas, é algo positivo no currículo da FE/UFRJ a importância dada aos estágios;

Formação para a pesquisa. Esse é um diferencial do curso, principalmente se comparado com cursos de instituições privadas; Temas contemporâneos da educação já estão no currículo (mesmo que em forma de disciplinas eletivas);

A abrangência dos objetivos das disciplinas e intenções dos docentes em relação ao trabalho que desenvolvem junto aos alunos evidenciou uma prática curricular contextualizada e articulada às questões educacionais mais amplas e às práticas pedagógicas do cotidiano escolar.

### **3 - Que sugestões você daria para a melhoria desse currículo?**

Elementos que gostaríamos de incluir no novo desenho curricular:

Operarmos com a ideia de percurso e imersões, paradas obrigatórias;  
 A presença ou o contato da escola ao longo do processo;  
 Incorporar no início do percurso a possibilidade de conhecer os diferentes campos de atuação potenciais do profissional docente/pedagogo;  
 Pluralidade de experiências formativas ao longo do percurso: existência de seminários, oficinas, laboratórios, além das atividades de extensão relacionadas ao perfil de pedagogo que pretendemos formar;  
 Maior flexibilidade para o estudante traçar o seu percurso formativo;  
 Maior articulação entre os docentes e as disciplinas;  
 Aprofundar determinados conhecimentos e saberes fundamentais para a prática docente;  
 Ampliar o contato/parceria com a escola para além do estágio supervisionado. Essa ampliação pressupõe o reconhecimento da criação de uma rede de formação que envolve os sujeitos envolvidos na universidade e na educação básica (por exemplo: secretarias de educação municipal e estadual).

#### **Anexo 04-Respostas do corpo discente às questões abertas**

Quais são os problemas do currículo do curso de Pedagogia que você vivencia?(121 responses)

Carga horária de estágios muito longa dificultando o processo de formação daqueles que precisam trabalhar durante o curso. Pouca exploração da realidade da prática educativa do município do Rio. Falta de conteúdos norteadores nas disciplinas de prática e didática; Currículo limitado à Pedagogia escolar.

Muito teoria no início do curso

Organização das disciplinas; concentração dos estágios nos períodos finais; Poucas disciplinas de Educação Infantil etc.

Vemos um pouco de cada espaço destinado a atuação do Pedagogo, entretanto, não aprofundamos o conhecimento.

Algumas disciplinas, principalmente as Didáticas e Libras, devem ser mais exploradas ao longo do curso. Apenas um período para cada Didática e Libras não é o suficiente para sairmos da graduação confiantes em lecionarmos essas disciplinas nas escolas, correndo risco de precisarmos fazer cursos de formação continuada. Além disso, o curso

de Pedagogia da UFRJ é totalmente voltado para a educação nas escolas, não possuindo disciplinas que conversem, por exemplo, com educação hospitalar, pedagogia empresarial (sendo apenas uma eletiva que não é oferecida sempre), educação em museu, entre outras.

Os estágios, a defesa de monografia. Não entendo como os estágios podem ser ditos como prática quando na verdade são observatórios e muito menos o porque da existência da monografia se isso não garante que você está ou não apto a adquirir o diploma, o mais importante seria o que foi vivenciado ao longo do curso.

o excesso das horas em práticas de ensino e a didática dos professores nas aulas.

A fragmentação nas disciplinas relacionadas com as habilitações que o curso oferece, assim como a ausência de disciplinas que tratem da área de Pedagogia Hospitalar, por exemplo.

Ele visa muito nossa participação em pesquisa, levando em consideração as práticas que ainda temos que fazer durante os últimos períodos nos deixam muito atarefados.

A não adequação ao meu perfil de aluna trabalhadora e também a não familiaridade da teoria com a prática.

Muita carga horaria de estagio obrigatorios, poderia ser diminuida essa carga horaria , e também a falta de algumas disciplinas,que pudesse abrir mais o amplo conhecimento dos alunos , como por exemplo a Pedagogia hospitar e empresarial .

Acho o currículo muito teórico

Um dos maiores problemas que consigo identificar no currículo do curso é o fato de não haver muito diálogo entre teoria e prática.

Enxergo como problema a grande carga de teoria

Algumas disciplinas caberiam um melhor trabalho, acrescentando formas de trabalho atuais e contextualizadas. Grande parte dos professores endeusam apenas os textos como técnica de ensino. Caberia aos docentes ampliar os horizontes.

Nenhum

Falta humanismo ..odeio esse currículo de coação por provas

Não aborda na prática os problemas da educação, não incita a prática da cidadania, por muitas vezes não relaciona o conteúdo teórico diretamente à situação política, social e ao estado da educação, parece ignorar, a existência da educação popular e seu possível uso como auxílio à formação de professores, proporcionando contato direto com a docência, assim como de retorno à sociedade, e o ideário presente no curso desconsidera a luta pela educação pública (na prática) e a atividade sindical, assim como a articulação com o próprio sepe, ou sua base, além de ter como prioridade a produção acadêmica, e não a prática educativa libertadora.

Disciplinas que poderiam ser estudadas de maneira a ter um melhor aproveitamento.

Carga horária excessiva para os alunos que já lecionam.

Elevada quantidade de disciplinas

A organização, existem disciplinas que poderiam estar interligadas nos períodos como práticas em séries iniciais e Alfabetização e Letramento.

Creio que o currículo é pouco integrado. Em diversas ocasiões, lemos os mesmos autores e até os mesmos textos explorando mesmas ideias, apenas mudando a aproximação para com a disciplina estudada. Isso me incomoda, entretanto, não saberia responder se é aceitável entre os professores enquanto prática preferida. Por entender o currículo como formador de identidade, me preocupo com critérios muito abertos, no que toca a avaliação, nas disciplinas. Sinto falta de certo rigor em muitas disciplinas. A falta de rigor não constrói melhores pedagogos. Outra questão que me incomoda profundamente é o mesmo tom político estudado em diferentes disciplinas. As concepções de educação que estudamos situam-se muito mais na esquerda. Quando

lemos sobre outras concepções (o que é raro) nos é fornecido textos que criticam as concepções. Não conhecemos, por exemplo, uma pedagogia liberal, uma pedagogia conservadora e nem sabemos se isso existe ou se existem outras coisas até (estou tentando dar exemplos). Sou a favor da pluralidade nas concepções. A falta dela tende a formatar as identidades em moldes parecidos. Sobre a pluralidade em concepções, para mim seria ótimo um professor que conseguisse trazer diferentes concepções sem informar ou deixar evidente sua ideologia política. Tive pouquíssimas experiências nesse sentido, entretanto, todas que tive foram ótimas pois pude aprender muito mais do que somente com uma forma de educação de uma ideologia.

Acredito que algumas disciplinas poderiam ser em períodos diferentes. Um exemplo significativo seriam as disciplinas de estágio obrigatório que poderiam começar logo no segundo ou terceiro período. Outro exemplo são as relações estabelecidas entre as disciplinas, penso que seria interessante se a prática de séries iniciais, como exemplo, estivesse como obrigatória no mesmo período que didática da língua portuguesa. Além disso, percebo a necessidade de mais disciplinas que trabalhem temas relacionados a alfabetização.

A falta de divulgação dos grupos de pesquisas, poucas palestras e matérias eletivas no turno da noite, carga horária de estágio excessiva e um número grande de disciplinas com conteúdos muito parecidos.

A organização das disciplinas, com muitas disciplinas teóricas nos primeiros semestres  
Cumprir os estágios obrigatórios.

Estágios que não se tornam flexíveis para o aluno.

Acredito que o maior problema do currículo de Pedagogia é o fato de ele estar centralizado na formação docente, não contemplando amplamente a formação para o Pedagogo em outros espaços para além da escola. Além disso, o currículo é muito extenso, deixando o curso mais longo do que o esperado, principalmente para quem precisa trabalhar.

É impossível concluir a faculdade em 9 períodos cursando somente um turno, pois as disciplinas eletivas e os horários de estágio não estão inseridos na grade curricular do respectivo turno. Os discentes do turno da noite encontram dificuldades em cursar as práticas de ensino, principalmente as práticas de educação infantil, ensino fundamental e normal. A falta de disciplinas obrigatórias relacionadas à pedagogia em espaços não escolares, como: pedagogia hospitalar, pedagogia empresarial ou pedagogia nos museus e ONGs.

Ele é centrado somente na docência, poderia ter mais disciplinas, incluindo obrigatórias que envolvem outros espaços que o pedagogo atua.

Considero o currículo instituído muito engessado em termos de conteúdo, mas ao mesmo tempo abrangendo conteúdos demais e dando pouca oportunidade pro aluno se aprofundar no que lhe interessa. Também acho um pouco vazio de oportunidades educacionais para além das disciplinas. Poderiam haver mais oficinas, cursos que nos capacitassem para sermos pedagogos na dimensão mais técnica dos conhecimentos. Não acredito que isso deva ser incorporado às disciplinas obrigatórias, retirando conhecimentos mais teóricos, mas que haja espaços facultativos nos quais isso seja possível.

Primeiro que se tem um preconceito tremendo sobre a lógica da Pedagogia Empresarial, não temos professores que apresentam essa matéria no formato que deveria ser. Outro aspecto vem de algumas matérias que deveriam ter no nosso currículo como Ética e não ser uma eletiva, mas o problema que temos apenas uma professora que não atenderia a todos. Temos aulas de fundamentos na educação especial e apenas nesse momento lidamos com esse contexto e nas matérias de didática, alfabetização e outras nem tocam

no assunto. Não temos estágio em educação especial também, que seria algo que já deveria fazer parte do nosso currículo, pois na formação normal já se tem. A pedagogia tem uma pluralidade de atuações e apenas nos preparam para a vivência em sala de aula. Um problema, pois nem todos vão ser professores ali dentro.

A primeira questão que me vem à mente sobre o assunto é a pouca ênfase na vivência da escola e do ensino. As cinco Práticas que fazemos são praticamente os únicos contatos com a realidade escolar e os alunos reais, de carne e osso, e, ainda assim, muitas aulas baseiam-se em teorias idealizadas e desconectadas da nossa realidade. Em uma honrosa exceção eu destacaria a EJA, com perfeita sintonia entre a teoria e a prática. Seria injusto não citá-la! Se considerarmos que o curso se compõe de aproximadamente 50 disciplinas, 5 disciplinas x 9 períodos + 5 eletivas, as 5 Práticas representam 1/10 do currículo ou seja apenas 10% do curso de Pedagogia!

A dificuldade que os alunos do turno da noite, que trabalham encontram em realizar os estágios obrigatórios, pela falta de tempo durante o dia.

Até o momento, pouca prática e muita teoria.

Ausência formação prática em novas tecnologias da informação e comunicação

Falta prática

56 Estágios inflexíveis para alunos que trabalham, inclusive para alunos que já exercem a docência.

Relacionados às disciplinas, vejo dois problemas. O primeiro está na falta de conteúdos que valorizem a parte diferenciada do currículo escolar. Ou seja, que trabalhem com a cultura, gênero, etnia, preocupações com o meio ambiente etc. Nesse sentido, faltam disciplinas que abordem os temas transversais abordados no PCN. Outro problema é a falta de disciplinas que trabalhem com o lado manual do trabalho pedagógico. O currículo de Pedagogia da UFRJ valoriza o pedagogo pesquisador e não atende o perfil (com maior precisão) do pedagogo que vai pra sala de aula, pra área da gestão, trabalhar em ONGs etc.

carga horária pesada dos estágios e disciplinas.

A carga horária do estágio não ser contada na carga horária das disciplinas de práticas.

A grande quantidade de disciplinas obrigatórias para serem cursadas, diminuindo assim o tempo para os alunos cursarem as disciplinas de livre escolha.

A quantidade de textos grandes e o acúmulo de trabalhos solicitados.

Dentro do currículo do curso de Pedagogia deveriam existir disciplinas que exemplificassem melhor os variados âmbitos que o pedagogo pode atuar, não focando somente na sala de aula.

Deveria ter mais práticas.

Um grande distanciamento das disciplinas em relação a prática em sala de aula. E a grande dificuldade dos horários para as pessoas que trabalham. É um enfoque muito grande nos anos iniciais, deixando as outras áreas de atuação do pedagogo um pouco fora do enfoque.

Ausência de estágio de Educação Especial. Alta carga horária de estágio em sala de aula (ou melhor, aulas teóricas). (a entrevistada se refere à alta carga horária de aulas que falem sobre o estágio, o que seria desnecessário)

Acredito que o fato de o currículo atual de pedagogia abranger 5 capacitações, acaba deixando muito a desejar, já que acaba não dando enfoque nelas de maneira mais aprofundada, passando pelos temas apenas de forma superficial.

Diversos, mas citarei alguns. Apesar do aumento da disciplinas eletivas na turma da noite, ainda é expressivamente menor que nas turmas da manhã e tarde. Falta de assistência e sensibilidade aos alunos trabalhadores, burocraticamente e

pedagogicamente falando. Currículo oculto - desmoralização política e acadêmica dos estudantes.

Penso que nosso currículo é mais voltado para a educação infantil, é injusto no que tange as disciplinas práticas (estágio) pois não leva em conta a vida no que se refere a horário e a escolha do local (escola) da prática e nosso currículo é muito teórico.

O exagero de horas dos estágios obrigatórios. O currículo não leva em consideração as pessoas que precisam trabalhar e estudar.

As disciplinas de livre escolha. Não são todos os alunos que tem disponibilidade de cumprir disciplinas em outros cursos.

Dentre algumas problemáticas existentes no curso específico da UFRJ, critico a inflexibilidade das opções de escolas para se fazer estágio obrigatório. Inúmeros alunos não residem próximo ao campus em que estudam, e há casos em que para se manter na universidade muitos conciliam estudo com trabalho e acabam não podendo escolher uma escola para estágio próximo de onde moram, vivenciam a dificuldade de cumprir carga horária no tempo viável e satisfatório para conclusão do estágio.

O excesso de disciplinas de cunho mais voltado para o debate político, acredito sem nenhuma dúvida, mas algumas disciplinas abordam o mesmo assunto, o que ao meu ver acaba minando possibilidade de um currículo mais diversificado. A forma como é pensado os nossos estágios também contribui pouco para nossa formação.

Não houve resposta/Nenhum

Acredito que a grande quantidade de estágios no currículo seria o maior problema do currículo da Pedagogia. Além de termos várias disciplinas de cunho político, podendo dar espaço para disciplinas que abordem assuntos que sentimos ausência na graduação.

O curso de pedagogia possui hoje uma carga muito grande de estágios. Acredito que se fosse menos, seria menos cansativo. Outro problema é o déficit de algumas disciplinas, como por exemplo: disciplina de EJA e educação infantil. Acredito que se tivesse mais uma disciplina de cada, seria mais enriquecedor para o nosso conhecimento.

Falta de interesse dos professores em explicar os conteúdos de uma maneira em que cada educando entenda a disciplina proposta.

A obrigatoriedade de fazer estágio em todas as disciplinas práticas.

Muitos alunos do curso e principalmente os noturnos não são pensados, como por exemplo em relação às práticas. Muitos alunos não tem como abandonar seus empregos e sentem muita dificuldade em fazerem seus estágios em escolas específicas, o que dificulta o fato por exemplo de emprego e localidade (do estágio) serem inviáveis.

A falta de prática propriamente dita durante o curso. Também observo que há uma desatenção em relação à Educação Especial (muita teoria e nenhuma prática). Além destas, a falta de disciplinas optativas e de livre escolha no turno da noite. A falta de disciplinas que permitam que o pedagogo atue com segurança, sem ser na escola.

Não existe diálogo entre as matérias pedagógicas e as práticas. A organização do currículo não acompanha a prática, por exemplo: a disciplina de trabalho e educação é oferecida ao final do curso, no entanto, percebemos que é um conhecimento importante para a prática de gestão escolar.

O tempo e a forma que os conteúdos são apresentados.

Especificamente agora no 3º período, percebo a falta de problematização para lançamento de conteúdo de certas disciplinas, além da falta de domínio de assunto de certa disciplina.

Acredito que o currículo do curso de pedagogia precisa estar mais em consonância com a realidade daqueles que são parte integrante deste curso, os próprios alunos. Também posso citar matérias que poderiam ser obrigatórias e são eletivas. Matérias que se repetem e que não são necessárias para o curso.

A quantidade de horas de estágio e as disciplinas que se tornam repetitivas. Gostaria que tivesse mais aulas de didáticas.

As disciplinas de fundamentos estarem alocadas nos primeiros períodos do curso de pedagogia. Chegamos na Universidade sem base para discutir e compreender assuntos tão complexos, como no caso da disciplina Iniciação ao Pensamento Científico.

As disciplinas consideradas mais importantes só estão no primeiro período, e depois saímos da faculdade sem base para a prática.

A falta de disciplinas que abordassem a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos de forma mais aprofundada. A carga horária dos estágios é muito grande em relação as outras universidades públicas. Disciplinas optativas e de livre escolha.

A questão dos horários de estágio serem em nossa contra-turno. Trabalho e é muito difícil para conciliar. Ter que fazer disciplinas fora do curso.

A quantidade de estágios obrigatórios. Na verdade, a carga horária desses estágios somada às atividades acadêmicas e culturais obrigatórias complicam muito a vida de quem trabalha 8h por dia.

A concentração das práticas apenas nos períodos finais. Conciliar as disciplinas com os estágios mais para o final do curso. Temos que escrever a monografia, tudo isso ao mesmo tempo pesa muito, seria bom se as práticas fossem iniciadas um pouco antes, já que muitos alunos ainda trabalham.

O curso é ótimo, sem problemas.

O curso de Pedagogia tem como problemática as exigências para a realização dos estágios. Há pessoas que necessitam trabalhar e na maioria das vezes não fazem os estágios pela impossibilidade financeira. Outro problema é a carga horária das disciplinas, em um único dia algumas disciplinas acaba sendo massacrantes.

Pouco diálogo das disciplinas quanto estão em períodos muito distantes. O currículo está disposto de uma forma que a teoria está concentrada no início do curso. O currículo está centrado, ao meu ver, muito na teoria. Ao final do curso, nas disciplinas de prática nos sentimos pouco preparados.

Acredito que o currículo é muito teórico e que deveria ser mais prático para nos ajudar mais na sala de aula.

Disciplinas desconectadas da prática do pedagogo no mercado de trabalho e mesmo com a atual demanda no campo educacional. Foco em disciplinas didáticas com conteúdos voltados para teorias ultrapassadas e somente uma disciplina de alfabetização, literatura infantil e artes que são fundamentais para a alfabetização de qualidade.

Obrigatoriedade das regências nas práticas. Acho as práticas importantes, apesar de ser difícil adequar faculdade e estágio obrigatório quando ainda se tem que trabalhar. Acho que as regências deveriam ser opcionais para as que mais nos identificamos.

Falta de flexibilidade para os alunos que trabalham, principalmente no que diz respeito às disciplinas de Práticas. Além disso, esse estágio no último período também deveria ser repensado, pois atrapalha bastante conciliar trabalho, estágio e ainda escrever a monografia com encontros de orientação. Também destaco o pouco foco na alfabetização e gestão no curso.

Um currículo que não considera as peculiaridades dos alunos, sobretudo os trabalhadores.

Falta de eletivas que tem relação com a minha área (informática). Obrigatoriedade das práticas. Pouca variedade em matérias optativas.

Acho a carga horária de estágio excessiva para o cumprimento em um semestre.

Também acho excessivo o número de disciplinas de fundamentos. Os estágios e práticas

poderiam iniciar logo nos primeiros períodos, para que as teorias e práticas caminhem juntos na formação.

Acredito que possa ser todos o mesmo problema, que é a falta de mais disciplinas para determinados assuntos, que deveriam abrir mais um leque de saberes. Os horários de disciplinas optativas que não qualifica nós que trabalhamos.

Grade com inchaço de disciplinas a qual fazem o curso ser considerado como um dos mais extensos na área de pedagogia.

Não bate com a realidade da sala de aula.

As disciplinas de didáticas específicas, como de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências Sociais não tem uma prática que dê embasamento para o exercício em sala. As práticas de estágio apesar de fundamentais, os professores não são flexíveis quanto as escolhas das escolas, não abrem possibilidade para a realização do estágio próximo a casa dos alunos. Precisamos mais de alfabetização e Literatura Infantil.

Acredito que um dos maiores problemas vivenciados é a pouca oportunidade de por em prática os ensinamentos teóricos, mesmo com os estágios obrigatórios, pois há pouca atuação. Outro grande problema é a grade que só permite fazer uma disciplina por semana.

Até então percebo algumas disciplinas que considero muito importante para a formação do professor mas que não se encontram no currículo obrigatório, apenas são eletivas.

A carga horária de estágio. Muito complicado para quem trabalha.

As disciplinas de práticas devem ser feitas apenas nas escolas escolhidas pelos professores, o que dificulta muito o meu acesso a essas disciplinas, pois sou professora de Educação Infantil 40h em Guaratiba (zona Oeste). Este semestre tentei realizar a disciplina Prat. Ed. Infantil e a professora não aceitou a escola que trabalho, tranquei.

Um problema mais agravante que nós temos seria muito pouco prática (somente os estágios) e na parte teórica tem muitos professores que deixam a desejar, não dando a mínima importância para que ele representa, ou seja, um preparador de futuros educadores, além de dar valor do sistema ensino-aprendizagem.

A quantidade de estágio é longa, e só evidenciam campo educacional, acredito que deveria abrir estágio para o viés empresarial e hospitalar.

Estágios que não consideram o aluno trabalhador. Além disso, as opções de escola para estagiar são escassas e só privilegiam as demandas dos docentes.

Disciplinas que não dialogam com a prática e não nos prepara para a realidade da sala de aula.

Disciplinas que só consideram pedagogia no âmbito escolar, sendo que existem muitas vertentes, como a hospitalar e a empresarial, por exemplo.

O curso não privilegia discussões que estão em pauta na nossa sociedade atualmente e que precisam ser discutidas na escola, como a homofobia, o feminismo e a existência de coletivos que lutam por uma sociedade mais igualitária.

O currículo do curso é extremamente tradicional, privilegia determinado arranjo social e não visa transformar o espaço escolar em um ambiente mais democrático. As discussões políticas nas aulas são quase nulas.

Pouco preparo e uma enorme burocracia para as práticas de estágio, o que causa um grande desconforto todo início de período. A impressão que tenho é que a Faculdade de Educação preza somente pela contagem das horas, pouco se importando com a vivência do estágio em si.

Estágio obrigatório apenas em escolas selecionadas pelos professores sem levar em consideração a realidade do educando.

Falta de flexibilidade na grade para o aluno que trabalha e precisa fazer estágio. Horários que não condizem com a demanda dos estudantes, que muitas vezes se deslocam de locais distantes para assistir as aulas.

Currículo fora da realidade das salas de aula, pois as didáticas são muito superficiais e não nos ensinam a lidar com diversas questões da docência.

Algumas disciplinas aparentam não ter muita relação com a educação, e ficam meio "soltas", não fazendo muito sentido para quem estuda. Algumas avaliações parecem não dialogar com o conteúdo e são desnecessárias.

Os estágios são um grande problema para o aluno que trabalha, pois não consegue conciliá-los com o trabalho e acaba saindo prejudicado, pois os professores não consideram a carga horária de quem já atua na docência.

Muitos estágios, o que torna o curso muito cansativo e acredito que esse fato abaixe a qualidade de estudo dos alunos.

Disciplinas que não dialogam com a realidade das escolas e alguns professores que desconsideram a realidade dos alunos, tendo uma relação de aprendizagem vertical e injusta.

O currículo do curso de Pedagogia da UFRJ desconsidera os alunos que trabalham, sendo inflexível em relação aos estágios obrigatórios e outras questões.

Estrutura física precária das salas de aula, falta de espaço para a convivência entre os alunos e um corpo docente que muitas vezes não leva em conta os alunos que trabalham e estudam.

Muitas disciplinas e muitos períodos, o que sobrecarrega os alunos.

Carga horária de estágio muito extensa, além das opções de escola que são escassas e não privilegiam outras regiões da cidade, como a zona norte e a zona oeste.

O currículo do curso é totalmente voltado para a atuação em escolas, o que acho um déficit na formação, já que o pedagogo pode atuar em outros espaços educativos.

O currículo é muito tradicional e não privilegia questões que envolvem a educação como um todo. Só há espaço para a atuação pedagógica na escola.

Há disciplinas obrigatórias que não fazem diferença na formação como pedagoga e burocracia dos estágios obrigatórios.

Falta de estrutura do curso, incluindo salas de aula e centro acadêmico. Burocracia para lançamento de notas, principalmente as de estágio.

Muitos estágios, que não dão para conciliar com o trabalho, o que acaba atrasando o aluno trabalhador em relação aos demais. Professores não consideram esse problema, querem a carga horária e pronto.

Há uma discussão mínima sobre a educação especial nas escolas e como podemos trabalhar com a modalidade. Saímos despreparados para lidar com essa questão fora da universidade.

Muitas disciplinas não têm relação com a prática efetiva na sala de aula, e as didáticas, como a de Língua Portuguesa e Matemática, não são aprofundadas e deixam uma lacuna na nossa formação, que já é deficitária nesse aspecto.

Dificuldade de conciliar tantos conteúdos com a rotina de trabalho.

Para você, quais são os aspectos positivos do currículo do curso de Pedagogia da UFRJ?(121 respostas)

Fundamentos teóricos e práticas de estágio.

Fundamentos teóricos e práticas de estágio.

Ele é bem flexível

A parte teórica é boa

Temos a possibilidade de conhecer cada área de atuação e verificar nossas afinidades com cada uma.

É um currículo completo no sentido de formar um Pedagogo para âmbito escolar.

Não vejo muitos aspectos positivos mas acredito que haja isso em todos os cursos. Não exige curso de extensão nem iniciação científica, o que para mim seria perda de tempo dentro da universidade porque cada um tem um objetivo.

O conhecimento e qualidade de sabedoria que o professor passa para os alunos na academia.

A possibilidade de cursar disciplinas que não são indicadas para o período específico cursado.

A importância das práticas na nossa formação.

O esclarecimento e a essência da Pedagogia presente em cada conteúdo passado.

São vários, mais apesar de algumas críticas aos estágios obrigatórios, essas disciplinas são as que mais chamam atenção, por ampliar mais ainda nosso conhecimento dentro da Pedagogia. Pois vivenciando aprendemos muito mais.

Os professores, os estágios

Um dos aspectos positivos é que o currículo perpassa por diversas áreas do conhecimento.

Algumas disciplinas que olhando em outros currículos de cursos de Pedagogia de outras universidades não oferecem.

Grande parte das disciplinas possuem uma ênfase crítica e política, apesar de algumas barreiras.

Poder dialogar com diferentes áreas, visto que o currículo é bem generalista. Sendo assim, podemos estudar um pouco de psicologia, sociologia, filosofia, biologia, entre outros.

Não sei, não vejo nada de positivo.. vejo muito desencanto

Ele se dá de forma individualizada, de acordo com as(os) professoras(es) escolhidos, de tal forma que se torna inviável indicar o que está presente, na minha opinião.

O direcionamento Pedagógico

A demanda teórica.

A relevância dos assuntos

Apesar de muitos questionamentos sobre o amplo leque de atuações que o currículo nos promove sem enfatizar uma determinada área, considero isso como um espaço de formação integral do pedagogo que precisa compreender a educação em suas diversas modalidades, etapas e formas.

Por ser muito amplo, alunos interessados e curiosos tem possibilidades maiores de alcançar voos em ideias que estão além do que é ensinado na faculdade. De qualquer forma, nosso currículo expande mentes por que oferece disciplinas em diversos campos científicos (só falta mais pluralidade de concepções e um maior rigor com avaliação). O conceito de diálogo, que é dominante nas disciplinas do curso, com aluno-professor em sala de aula favorece um clima de respeito, de empatia e de construção de conhecimento para aqueles que sabem valorizar isso. Sobre as disciplinas, a ausência de pré-requisitos facilita a vida prática do estudante, entretanto, se o pré-requisito facilitasse que não repetíssemos assuntos, ele seria bem-vindo. Um dos sucessos do curso é formar pedagogos preocupados com a aprendizagem de seus alunos e dispostos a dialogar com os conhecimentos deles e valorizá-los para ampliar ainda mais seus acervos culturais. Outra conquista do curso é reunir diversidade de alunos e buscar acolhê-los. Outra conquista é possibilitar a esses alunos oportunidades de pesquisa e

formação que muitos nunca tiveram semelhantes oportunidades em suas vidas fora da academia.

Considero um currículo rico e bastante significativo, principalmente por abordar diferentes campos da educação, como a EJA, o magistério, entre outros.

A diversidade de horários

Acredito que temos muitas disciplinas que abordam os mais diversos aspectos da educação, dando um conhecimento amplo das áreas educacionais.

Abrange um pouco de várias áreas.

A abrangência das principais áreas de atuação

Dentre os aspectos positivos do curso de Pedagogia destaco o fato de o curso apresentar uma vasta gama de correntes teóricas para se pensar a Educação.

Para quem só estuda e não tem outros compromisso durante o dia, ter a possibilidade de transitar entre os três turnos. Não ter disciplinas com pré-requisitos.

Um dos aspectos positivos é a flexibilidade , por nao possuir requisitos o aluno tem total autonomia para montar sua grade.

A formação teórica em educação é excelente. As disciplinas de fundamentos, quando bem ministradas, oferecem um arcabouço teórico fantástico pra compreensão da educação e do restante do curso. Em termos acadêmicos, envolvendo oportunidades de desenvolvimento de pedagogos pesquisadores, o currículo é excelente.

Ele fornece uma ideia ampla de como podemos atuar, mesmo com algumas faltas. O curso em si oferece instrumentais que permite mobilidades em outros cursos.

Paradoxalmente, o seu maior problema é ao meu ver o seu aspecto mais positivo, já que a pouca ênfase dada à prática resulta em grande importância das disciplinas teóricas, com professores maravilhosos (quase todos), muitas leituras interessantes e espaço para debates, indagações e o desenvolvimento do famoso espírito crítico.

Acho que é bem dividido abrange diversas áreas.

Bons textos, autores interessantes

Abrangência em distintas áreas do conhecimento, excencial para uma formação crítica.

Bons professores

Incitam nossa potência crítica, provocam debates, discussões, desnaturalização, quebra de paradigmas, alteridade.

Disciplinas que favorecem o debate crítico.

O maior aspecto positivo do currículo é o "apanhado" geral que ele oferece sobre a educação e os processos de ensino-aprendizagem. São abordados temas como financiamento, políticas públicas, avaliação, fatores biológicos, psicológicos que interferem na aprendizagem do aluno, lado sociológico e antropológico da educação etc. não ter pré requisito.

A abrangência profissional, apesar de ser focado mais na docência.

Nenhum / não houve resposta

Os professores comprometidos e o currículo ofertado.

Existem algumas disciplinas muito importantes dentro do currículo.

Normal.

A não existência de pré-requisitos na hora de escolher as disciplinas.

Aulas de fundamentos das disciplinas. Possibilidades de estender a aprendizagem da sala de aula nos grupos de pesquisa e extensão.

A flexibilidade para montar a grade curricular, não possuir disciplinas pré-requisitos para puxá-las.

Conteúdos disciplinares pertinentes e que exploram bibliografias de autores diversificados. Organização e distribuição das disciplinas nas ordens dos períodos.

Currículo oculto - senso de comunidade e ajuda de grupos de alunos que não se conhecem, desenvolvem em prol de dificuldades em sala e/ou com algum professor. Tem uma grande vantagem, o de expor os assuntos que nos prepara para os concursos na área da educação.

A diversidade do currículo.

A questão da flexibilidade de puxar cinco matérias e poder intercalar com outras disciplinas do curso.

A existência de bastante disciplinas políticas, filosóficas que levam a desconstrução dos saberes do senso comum trazidos do ensino médio.

A forma como as disciplinas são distribuídas nos períodos ajuda na construção e compreensão de conhecimento. A oferta de disciplinas eletivas que são muito boas, algumas inclusive acredito que deveriam ser obrigatórias.

Não houve resposta/Nenhum

A maneira como é organizado. O diálogo entre as disciplinas é perceptível e traz facilidade para o entendimento.

Um dos aspectos positivos do currículo é a inclusão do estágio de gestão e disciplinas voltadas para ela. Algumas pessoas não gostam, mas acredito que ela seja de suma importância, pois nos mostra como é a escola além das salas de aula.

Currículo é tudo na pedagogia, pois ele te ensina a teoria junto com a prática dentro da instituição educacional.

Com o currículo amplo, possibilita a entrada em diferentes áreas da pedagogia. o conhecimento. Apesar de não ter a totalidade, muitos professores estão realmente interessados em promover

Um aspecto que é bastante interessante é a disciplina de Avaliação (que abre novos aspectos e visões sobre como verdadeiramente exercer PEDAGOGIA). Também existem ótimos profissionais que realmente se preocupam com as aulas e buscam promover conhecimento através de reflexões.

Incentivo a pesquisa e monitoria. Oferta em três turnos de disciplinas.

O grande número de debates sobre textos e assuntos atuais.

Ainda não consigo avaliar positivamente.

A flexibilização de pode fazer matérias de outros períodos ou até de outros cursos.

Não sabe/Não respondeu.

Os estágios, ou seja, as aulas práticas.

Poder escolher as disciplinas que irei cursar no período, tendo uma mobilidade para montar minha grade curricular de acordo com meus interesses.

As disciplinas condizem com cada período e seguem uma sequência.

Os estágios e a flexibilidade de horários.

O curso não ser integral e sim matutino, vespertino ou noturno.

A liberdade de escolher disciplinas sem haver pré-requisito.

O "diálogo" que as disciplinas têm entre si. As disciplinas nos dão uma boa base teórica, que contribui com a nossa prática, já que a teoria e a prática estão intimamente associadas.

A capacitação dos professores.

O currículo é amplo e abre muitos horizontes. A formação acadêmica dos professores é de extrema importância para a nossa formação. O currículo é muito teórico, e a nossa formação tende a ser no caminho da pesquisa científica.

Para quem quer seguir uma carreira acadêmica, o currículo está atendendo a demanda.

Os autores trabalhados são muito bons e atuais.

Incentivo à pesquisa e à monitoria.

Variedade de eletivas, organização dos horários das disciplinas.

Valorização de atividades culturais, durante todo o curso. Aprofundamento teórico na graduação.

É um currículo que apesar dos seus limites, possui uma intencionalidade de articular as indissociáveis dimensões da TEORIA e PRÁTICA.

Grande quantidade de matérias sobre sociologia e psicologia.

O melhor aspecto do currículo em minha opinião é o oferecimento de disciplinas nos três turnos. Também gosto do incentivo à participação em pesquisa e extensão universitária, das aulas de campo e propostas de visitas culturais.

A opção de poder fazer disciplinas fora dos seu horário de ingresso, o que não dá só para trabalhar, mas também para conhecer outros professores e suas metodologias.

Mobilidade e o número de disciplinas de didáticas específicas mas que no entanto não necessariamente ensinam como ensinar aquela determinada matéria.

Período de estágio mais longo e mais bem elaborado e cobrado.

As eletivas oferecidas são muito importantes para o aprofundamento de assuntos, por exemplo, a alfabetização e letramento II que ajuda muito quem faz como uma forma de aprofundamento. As possibilidades de aulas de campo, visitas culturais nas disciplinas também são muito ricas. O acesso aos grupos de pesquisa constituem uma parte importante na formação.

De positivo temos uma vasta gama de informação histórica, filosófica, literária que nos permite uma visão ampla de toda a história da educação, suas políticas e seus desdobramentos.

As aulas de práticas que habilitam os alunos da graduação para diversas áreas da educação.

A possibilidade de combinarmos disciplinas de último período com disciplinas de períodos iniciais.

Sem resposta.

Tem disciplinas que realmente nos acrescentam o que com certeza nos ajudará depois de formados como Concepções de Educação Infantil, é maravilhoso para quem vai optar pela educação infantil, que é o meu caso. E outras disciplinas como didática, as didáticas da Língua Portuguesa, Ciências Sociais e Matemática.

A interdisciplinaridade com disciplinas de outros cursos para a didatização do ensino e educação.

O currículo privilegia um diálogo entre diversas disciplinas, além de incentivar os licenciandos a refletirem constantemente as suas práticas e a sociedade que as influenciam.

Professores altamente qualificados, nos dando base teórica para a reflexão das práticas em diferentes campos.

Os professores são muito bem preparados e a nossa formação é de ponta. Além disso, as aulas nos oferecem uma visão que extrapola a sala de aula.

O curso tem uma variedade grande de disciplinas que permitem ao aluno uma escolha para uma determinada área, como a educação infantil, a EJA e o ensino fundamental. Os professores são qualificados e nos preparam para uma prática de qualidade na sala de aula.

Os aspectos positivos estão relacionados à bibliografia oferecida nas aulas e o preparo dos professores, que apesar de existirem algumas exceções, é excelente. As práticas de estágio com as regências também são ótimas alternativas de refletirmos sobre a nossa prática.

Os professores têm enorme capacitação e nos fazem pensar a educação para além da sala de aula, com um grande leque de autores. Grade curricular sem pré-requisitos, o que facilita a montagem dos horários pelo aluno.

Abrange os aspectos essenciais da educação e disciplinas com ementas de ótimo nível. Disciplinas que se comunicam entre si e são muito importantes para a profissão, como Educação Infantil, didática e História da Educação.

A grade curricular é bem flexível, permitindo ao aluno do curso se inscrever em períodos mais avançados e adiantar a sua formação.

Os professores são muito capacitados e tem uma didática muito boa.

As disciplinas estão muito ligadas à vivência da sala de aula e nos ajuda a aprimorar a nossa prática em diversos aspectos, como ensino e avaliação.

As eletivas, que complementam o que é dado nas disciplinas obrigatórias e a formação humanizada e política oferecida pelos docentes.

Flexibilidade dos horários e não há pré-requisito nas disciplinas.

A boa didática dos professores e as disciplinas que nos dão base para o trabalho pedagógico.

Matérias que dialogam com a vivência do pedagogo e que discutem questões latentes como o preconceito e a reprodução social das escolas.

A didática dos professores é ótima e o nível das aulas é muito elevado.

Os professores são muito capacitados e nos preparam quase completamente para a docência.

O curso, apesar de ser muito voltado para a escola, tem uma densidade bibliográfica e discussões que são essenciais para esse tipo de trabalho.

Diversidade das disciplinas eletivas e grupos de pesquisa e extensão, o que permite uma formação mais eclética e de acordo com a vocação do sujeito.

Professores que são capacitados e nos dão uma ótima formação, nos preparando para o mercado de trabalho.

O curso oferece opções que vão além das aulas tradicionais de graduação, como cursos de extensão, grupos de pesquisa e monitoria, o que nos forma com mais solidez e nos dá uma visão ampliada da docência. Os professores são muito qualificados e têm vasta experiência nas disciplinas que lecionam.

Matérias que nos ajudam muito na prática docente, como Concepções e Práticas de Educação Infantil e Didática.

Professores muito qualificados e que articulam teoria e prática. Grupos de pesquisa que enriquecem a formação.

Grupos de extensão que permitem olhar a educação além da sala de aula e nos dão uma visão global sobre vários assuntos. Textos e materiais didáticos de alta qualidade oferecidos pelos professores.

Boa didática dos professores, grupos de pesquisa que abordam temas interessantes em relação à educação.

Que sugestões você daria para que esse currículo atendesse melhor às suas expectativas?(121 respostas)

Inserir conteúdos programáticos nas aulas de didática e práticas; Redução das horas de estágio; Inclusão de pré-requisitos para a inscrição em certas disciplinas e Programas de disciplinas que incluam e trabalhem com as possíveis realidades encontradas no município do Rio. Inserção de conteúdos e disciplinas sobre outros cenários de atuação do pedagogo.

Inserir conteúdos programáticos nas aulas de didática e práticas; Redução das horas de estágio; Inclusão de pré-requisitos para a inscrição em certas disciplinas e Programas de disciplinas que incluam e trabalhem com as possíveis realidades encontradas no município do Rio. Inserção de conteúdos e disciplinas sobre outros cenários de atuação do pedagogo.

Não soube/Não respondeu.

Não soube/Não respondeu.

Gostaria de mais matéria que abordassem o ensino da história dos negros e dos indígenas.

Mais disciplinas didáticas... Maior relação com escolas da rede pública...

Seria interessante se depois de conhecer cada área, nos focássemos para a qual mais nos interessa.

Algumas disciplinas eletivas poderiam ser oferecidas em âmbito obrigatório; dar mais espaço para as Didáticas e Libras no currículo, já que apenas um período não é o suficiente; diminuir o tempo que passamos em escolas fazendo os estágios obrigatórios, fazer 90h de estágio obrigatório é muita coisa, e além disso, a grande parte dos alunos trabalha ou está em grupo de pesquisa e não tem tempo livre para fazer estágio obrigatório durante a semana.

Diminuisse a carga horária dos estágios e não tivesse defesa de monografia.

Revisar o ensino das Práticas; Melhorar o interesse a partir do que o mercado de trabalho na área de pedagogia cobra.

Inclusão de disciplinas na Pedagogia Hospitalar, revisão da carga horária de estágio e seu início que, até o presente momento, se dá no 5º semestre.

Diminuir os números de matérias com o mesmo intuito de formação, ou seja, matérias que temos nos primeiros períodos e depois nos períodos finais com matérias que falam do mesmo assunto.

Que tivesse maiores detalhes práticos e que atendesse ao perfil dos alunos em questão.

Acho que deveria ter menos carga horária de horas complementares, e a faculdade poderia abrir exceções pra quem já trabalha na área, trazendo assim mais oportunidade da pessoa já aproveitar sua carga horária de trabalho nos estágios.

Os estágios começassem nos períodos iniciais

Que a prática esteja em constante diálogo com a teoria e que as disciplinas de fundamentos sejam atreladas as disciplinas de prática.

UmA carga maior no que diz respeito a prática

Caberia mais a consideração de disciplinas que focassem mais na docência da educação básica. Não tirando a importância de se produzir pesquisa e conhecimento, mas na minha concepção, a UFRJ enfatiza apenas isso. O status, o quem produz mais!

Nenhuma

Mudança total ...teoria chatas que não terão valor prático

Admitir o caráter necessariamente político da educação, e abraçá-lo, indicando questões indispensáveis ao debate, não necessariamente através de sua inclusão no currículo, mas possivelmente pela formação continuada do corpo docente em cursos sobre direitos humanos, políticas educacionais e história política, para que relacionassem o conteúdo curricular à realidade de sucateamento da educação. Ou que se abra espaço na grade (e não é por acaso que uso este termo) para que as pessoas no curso desenvolvessem

atividades por si mesmas e não tivessem que competir com as aulas em relação à adesão.

Estágios de forma a favorecer um saber pra uso no futuro.

- redução da carga horária.

O trabalho conjunto entre os professores com disciplinas que dialogam em sua temática e referenciais bibliográficos.

Ampliar o debate da educação em espaços não formais, a educação para além das escolas, em empresas, hospitais e no dia a dia da sociedade.

Mais pluralidade de concepções, possível diálogo entre professores para evitar assuntos repetidos, rigor padronizado em algum aspecto para buscar valorizar certa prática nos alunos (escrita acadêmica, por exemplo).

Penso que seria importante ter a disciplina pedagogia empresarial como obrigatória.

Cursei essa disciplina como optativa e percebi o quanto foi interessante para pensar em outros espaços em que a pedagogia atua.

Uma análise mais detalhada das matérias necessária" dessa Pedagogia" dos novos tempos. Acredito que deveremos repensar os números de matérias, pois atualmente temos muitas que os conteúdos se repetem no entanto outras como alfabetização e letramento, Eja e Educação Especial são pouco exploradas no curso, que ao final saímos com um grande deficit.

Poderia ser mais equilibrada a distribuição entre as disciplinas teóricas e práticas desde os primeiros semestres.

Que os alunos pudessem escolher uma área específica para se aprofundar.

Flexibilidade no estágio, abarcar mas questões transversais

Para que esse currículo atendesse melhor às minhas expectativas, eu proporia que a reflexão sobre os outros espaços de atuação do Pedagogo, para além da escola, fossem melhor contemplados e também proporia uma redução do curso, sem dano com relação aos conteúdo. É muito positivo rever conteúdos de formas diferentes, em variadas disciplinas, mas acredito que seja possível continuar com esse lado positivo do currículo, com um período de curso menos extenso.

As disciplinas precisam conversar para não serem repetitivas. Por exemplo, as disciplinas: introdução ao pensamento científico, metodologia de pesquisa e pesquisa em educação foram muito semelhantes. Incluir disciplinas relacionadas à pedagogia em espaços não escolares. Aumentar a carga horária das disciplinas das didáticas de cada área do conhecimento escolar com o intuito de melhorar a formação do professor das séries iniciais. Deveria ser obrigatório a disciplina alfabetização e letramento II.

Somente uma disciplina, com 15 encontros, não é suficiente para formar professores alfabetizadores. Abrir mais períodos especiais (nas férias).

Que ele fosse reformulado de forma que os estagios comecem nos primeiros períodos e com o auxílio das materias didáticas juntos, acho que a experiência se torna mais interessante e significativa.

Oferecimento de cursos, oficinas e espaços educativos facultativos para formação técnica do pedagogo. Diminuição de disciplinas obrigatórias e aumento de eletivas, concedendo ao aluno a possibilidade de aprofundar-se naquilo que mais lhe interessa.

Estímulo a criação de espaços de conhecimento do trabalho dos professores nos âmbitos da pesquisa, da extensão e da gestão. Espaços nos quais tenham a oportunidade de divulgarem seus trabalhos.

O que complica no meu ponto de vista vem em torno de um perfil que trabalha com a relação de tecnologia e educação, atualmente o currículo oferece duas matérias optativas que nem mesmo estão em operação devido a não termo um laboratório. Acredito que melhorar os espaços físicos, oferecer novas concepções de matérias, pois vivemos um

momento de mudanças, como profissionais não podemos ficar parados no tempo. Existem matérias que deveriam ser dadas em parcerias fazendo um movimento transversal. Matérias como educação é mídia poderia ser desenvolvida com algum professor da ECO por exemplo. Temos muitas possibilidades, a matéria de pedagogia empresarial deveria ter uma visita técnica em algum lugar aonde se tem implementado, digo o mesmo para a pedagogia hospitalar e por ai vai, existem na verdade buracos que podem ser preenchidos, tudo vai depender da gestão. Tenho esperanças que um dia mude, mas fica difícil diante do pensamento que funcionamos apenas no modo sucateado.

É difícil responder já que, no meu caso específico, escolhi o curso a partir do desejo de aprender/entender um pouco sobre "a educação" no Brasil, assim como da análise das disciplinas que compunham o curso no site da UFRJ. Como ser professora não foi meu objetivo inicial a ênfase dada à teoria foi o que me atraiu, porém considero que para um curso que pretende formar professores ter apenas 10% do seu tempo dedicado à prática, e por tempo dedicado eu entendo também a importância dedicada à ela, é realmente muito pouco.

Que as disciplinas práticas atendessem melhor aos alunos que trabalham. Também acho que a parte de pedagogia empresarial deveria ser mais valorizada pela Universidade. Mais práticas e atividades de campo, elucidar problemas, resoluções e impasses reais, de forma que não fique apenas em ideias teóricas

Disciplinas que valorizem as novas demandas sociais do jovens do século XXI. Inserção das NTICs e mídias sociais como ferramentas do processo ensino-aprendizagem.

Ir além da educação básica e começar a focar em eja, empresarial, hospitalar

Como acontece em outros cursos, poderíamos ter um "um currículo comum" mais aprofundado nos períodos iniciais e depois da nossa escolha ( a respeito de nossa atuação profissional) , então nos debruçarmos mais aprofundadamente nas disciplinas complementares à nossa atuação, vale sugerir que aumentando as disciplinas (períodos) , ampliariamos nossa atuação.

Não fazer mais parte do currículo as disciplinas optativas e flexibilizar as horas de estágio.

Como eu disse na primeira questão, maior variedade nas disciplinas e organização das mesmas na grade curricular. Temos disciplinas que ficam juntas no mesmo período mas que não possuem uma sequência lógica.

carga horária reduzida, o aluno pode optar por quais estágios fazer.

Acredito que poderia haver mais disciplinas eletivas no turno da noite e o estágio ser melhor pensado, podendo conter tempo da disciplina para realizar a carga horária prevista na prática.

Uma maior flexibilização de horários e grades.

Acho o currículo bem diversificado e dentro das atualidades na área.

Gostaria que houvesse mais disciplinas focadas nas demais áreas.

Deveríamos ficar mais tempo dentro da sala de aula (práticas), onde vamos realmente trabalhar do que estudando teorias. Sinto falta disso pois é o principal para ver tudo de perto.

Uma maior aproximação com a prática em sala de aula.

Inclusão de estágio de Educação Especial, afinal somos habilitados para atuar com esta modalidade também. \*Alternativa de escolas para estágio por CRE. Aumento na carga horária da disciplina de libras. \*Não é do currículo, mas cabe a colocação.

O aprofundamento de questões primordiais, como: alfabetização e letramento; EI; EFI; EJA; Educação Especial; de forma que de acordo com o interesse dos alunos ele pudesse fazer outras disciplinas complementares de acordo com o seu interesse. Por

exemplo: o aluno pretende seguir a área de Educação Especial que existisse outras disciplinas que ajudasse nessa formação.

Mais eletivas no horário da noite, apoio e assistência aos alunos trabalhadores. Maior transparência nas reuniões deliberativas.

O currículo que me parece ideal deve minimamente abranger toda educação básica, logo ter disciplinas mais voltadas a sua referência prática é fundamental.

Analisar a realidade dos alunos de pedagogia, para possibilitar oportunidades para todos realizarem os estágios.

Disciplinas que pudessem atender os alunos em todos os horários. Também acho que seria mais organizado se tivesse pré-requisito para se matricular em disciplinas de períodos mais avançados.

Que tivesse mais olhar para o estudante que tem por necessidade trabalhar e estudar.

Mais psicologia do desenvolvimento infantil.

Repensar a forma como é feito os estágios obrigatórios. Mais disciplinas para abordar alfabetização, EJA e literatura infantil.

Não houve resposta/Nenhum

Trazer assuntos sobre a educação básica, EJA, formação docente para a modalidade normal, assuntos que abordem a alfabetização. Organização melhor dos estágios obrigatórios.

Sugeriria a diminuição da carga horária de estágio obrigatório.

Aulas mais fáceis e dinâmicas dentro de sala com os alunos (educandos). Penso que se fosse um currículo pensado para o curso totalmente, seria mais fácil de entender.

As disciplinas poderiam ser mais interligadas.

Uma grade pensada nos alunos/estudantes, bem como durante todos os períodos somos "desafiados" a fazer.

Acredito que o currículo deveria ser repensado no sentido da Prática. Apesar de estar no 9º período, não me considero preparada, por completo, para exercer meu papel como educadora. Também acredito que poderiam ser trabalhadas outras áreas, além dos muros da escola, como Pedagogia Empresarial, Pedagogia militar, Pedagogia Hospitalar.

A carga horária de estágios deveria ser menor e disciplinas como literatura infantil, artes e alfabetização deveriam ser cursadas por no mínimo dois semestres.

Os currículos são para ensinar (passar conteúdos) para os alunos, portanto o currículo deveria ser pensado juntamente com os alunos.

Uma reforma já, baseada no que vamos vivenciar fora da universidade.

Diminuir a quantidade de matérias no currículo, que não são relevantes para o curso.

Quando estiver na época de construir esse currículo, ter a sensibilidade para que o mesmo esteja mais próximo de cada realidade dos alunos.

Não sabe/Não respondeu.

Não soube/não respondeu.

Retirar as disciplinas de fundamentos dos primeiros períodos.

Aumentar mais os períodos para disciplinas como Alfabetização, Libras e Didáticas.

Didática de Educação Especial, uma disciplina que atendesse esse conhecimento.

Os horários de práticas de estágio deveriam ser intercalados com as aulas, para que possamos fazer nesse tempo disponível. Diminuir também a carga horária dos estágios.

Algumas disciplinas como Educação e Movimentos Sociais poderiam ser eletivas. Os textos e assuntos poderiam ser abordados em outras disciplinas como EJA, Educação Brasileira e Educação e Trabalho.

Talvez uma diminuição na carga horária dos estágios, que são cansativos demais. É complicado o graduando ficar 90h no mínimo acompanhando uma turma e depois o

professor da prática querer avaliar uma aula, já que o mesmo não acompanha toda a jornada.

Que as disciplinas sejam oferecidas de forma complementar e não dissociadas.

Flexibilizar o trabalho de conclusão de curso, não se apegando apenas na monografia. A carga horária das disciplinas são muito longas.

Trabalhar mais Paulo Freire e COMO Paulo Freire.

Diminuir a carga horária de estágios e focar em disciplinas que de fato vão preparar o pedagogo para atuar de forma eficaz e com excelência.

Mais matérias eletivas na área empresarial. Opção de escolher qual estágio a regência será feita.

Talvez seria interessante a monografia começar a ser construída antes do 8º período.

Acredito que poderia ser bom como algumas instituições privadas fazem, que o trabalho de conclusão é construído aos poucos com mais antecedência. Assim, possibilita um maior aprofundamento no tema. Além disso, uma revisão nas Práticas, pois a quantidade de horas exigidas de nós é absurda.

Sugeriria mais disciplinas acerca da alfabetização, uma flexibilização no que tange ao estágio e disciplinas eletivas organizadas de modo a contemplar todos os turnos.

Incorporação de matérias que possam se relacionar ao atual mundo moderno, às novas tecnologias e sua relação com a prática profissional docente.

Os turnos das disciplinas são favoráveis, mas gostaria que as disciplinas da manhã e da tarde começassem mais tarde, assim como as do curso noturno. O curso tem um perfil de alunos trabalhadores e os atuais horários nos trazem prejuízos.

A mudança na grade com os horários mais sortidos das optativas. Uma adoção maior de disciplinas como a empresarial, hospitalar. Essas são as que não temos e que também podemos trabalhar na área.

Minha sugestão é a de que se repense em um currículo mais adequado às especificidades do cotidiano docente em meio ao nosso presente. Um currículo de 8 períodos que possibilitasse que o aluno tivesse mais tempo para estar inserido em uma prática de estágio vivenciando o que lhe é visto em sala de aula na faculdade. Diferente da realidade que vivenciamos hoje a qual o aluno não pode refletir sobre a prática pois para não terminar o curso em 5 anos, precisa passar de de 8 á 12 horas por dia na Universidade o que não significa produtividade.

Diversificar mais para conteúdo específico e menos generalista

Repensar as didáticas para trazer mais situações reais. Flexibilidade das escolhas das escolas para estágio por parte dos professores. Incluir mais disciplina de Alfabetização e incluir obrigatoriamente Literatura, Literatura Infantil, infanto-juvenil e para jovens e adultos.

Mudar a forma como a grade é montada, permitindo que o aluno tenha mais oferta de matérias e permitir que os estágios obrigatórios sejam remunerados e tenham mais atuação.

Gostaria de ver no currículo obrigatório mais disciplinas onde pudéssemos discutir e conhecer melhor as questões de gênero e étnico-raciais.

Sem sugestões.

Mais aprofundamento nas didáticas das disciplinas (matemática, ciências sociais...), pois senti falta deste aprofundamento ou mais tempo no curso reservado à estas disciplinas.

Gostaria que fosse inseridas disciplinas que realmente nos preparasse para os estágios, desse uma noção do que está nos esperando, enfim mais práticas.

Para melhoria sugiro que o currículo amplie sua estrutura para outros campos pertinentes a esse curso, no campo empresarial, hospitalar, levando em consideração que o currículo só é fundamentado para o âmbito escolar.

Pensar um currículo mais flexível em relação aos locais de estágios, considerando que muitos alunos já são docentes e não têm a carga horária abonada na disciplina. Trazer as práticas docentes efetivas para o campo da sala de aula, evitando que as discussões acadêmicas fiquem voltadas somente para a academia.

Disciplinas que ensinassem mais o lado prático da profissão, pois não me sinto preparada para lecionar apenas com os estágios.

Uma oferta maior nas disciplinas que abrangem a pedagogia além da sala de aula, como a empresarial e a hospitalar.

Mais eletivas que destaquem questões que estão à margem da sociedade e que são fundamentais para a educação, como questões de gênero, homofobia, feminismo, machismo, etc.

Sugiro a criação de um currículo mais democrático, com disciplinas obrigatórias que envolvam questões sociais e política.

Estágio menos burocrático e com mais mediação da Faculdade de Educação, não deixando os futuros pedagogos à própria sorte para conseguir uma vaga ou concluir o mesmo.

Turmas menores de estágio obrigatório; que o aluno possa ir para uma escola perto da sua residência; repensar a obrigatoriedade da regência.

Gostaria que a faculdade pensasse nos alunos trabalhadores, que muitas vezes têm uma rotina insana de trabalho até chegar à UFRJ. Mais eletivas relacionadas a movimentos sociais e à história da educação.

Aprofundamento das didáticas, dando prioridade a essas questões e retirando matérias que não tem aplicabilidade na vivência do pedagogo.

Colocar algumas disciplinas obrigatórias como eletivas e vice-versa, ficando a critério do aluno cursá-las ou não.

Estágios que considerem a carga horária de quem já é professor, e escolas próximas aos alunos, pois apenas algumas CREs são colocadas como opções, sendo que existem outras espalhadas pela cidade.

Alguns estágios deveriam ser opcionais, e os alunos escolheriam aqueles que mais se adequam a sua opção profissional. Além disso, as práticas são deixadas para os últimos períodos, o que nos sobrecarrega.

Sugeriria mais sensibilidade da Faculdade de Educação com os problemas socioeconômicos enfrentados pelos alunos, que acabam refletindo na sua rotina de estudos.

Estágios mais flexíveis e que levem em conta os alunos que trabalham e tem família.

Uma estrutura física adequada de estudo aos alunos e mais flexibilidade nos estágios com os alunos que trabalham.

Reduzir algumas disciplinas da grade obrigatória e colocá-las como eletivas.

Carga horária reduzida de estágio, já que são muitos e em outras universidades públicas não é tão grande. Opções de escolas mais próxima dos alunos.

Disciplinas que abordassem o trabalho educativo em ongs, hospitais, coletivos e oficinas que complementassem a formação dos alunos, como música e cinema.

Mais disciplinas eletivas que discutissem questões de gênero, preconceito e feminismo, por exemplo.

Um currículo mais flexível e menos burocracia para estagiar nas escolas.

Estrutura adequada de estudo e convivência para os alunos. Maior rapidez e eficácia nas questões burocráticas, como o lançamento de notas.

Maior compreensão com os alunos que trabalham e não podem fazer estágios longe.

Maior oferta de, pelo menos, eletivas que abordem a educação especial de forma mais aprofundada e que nos dê o mínimo de preparo para atuar com a inclusão.

Mais eletivas que aprofundem a didática de português e matemática e oficinas que ensinem as práticas docentes para a aprendizagem dessas e de outras matérias.

Diminuição da carga horária de aulas e cursos de nivelamento de escrita e matemática.